

RELATÓRIO DE PESQUISA ANTROPOLÓGICA REALIZADA ENTRE  
OS ÍNDIOS SURUÍ DO ESTADO DO PARÁ

Renato da Silva Queiroz

mar 75

## ÍNDICE

I-APRESENTAÇÃO .....	2
II-HISTÓRICO DO GRUPO E LOCALIZAÇÃO DA ALDEIA.....	4
III-ASPECTOS DEMOGRÁFICOS.....	11
IV-CHEFIA.....	19
V-ATIVIDADES ECONÔMICAS E ALIMENTAÇÃO.....	22
VI-PARENTESCO.....	32
VII-A QUESTÃO DAS TERRAS.....	44
VIII-OS SURUÍ E A SOCIEDADE NACIONAL.....	47
IX-PROBLEMAS E SUGESTÕES.....	50
X-MATERIAL PERMANENTE DO P.I. SORORÓ.....	56
XI-MITOS.....	58
XII-NOTAS.....	61
XIII-BIBLIOGRAFIA.....	64

"Antigamente só tinha índio. Kamará (1) chegou, tomou terras e trouxe doenças" (homem / Suruí).

"Caboclo (2) é coisa ruim, traíçoeiro. Passo pela aldeia, converso um pouco e já vou indo. Tratar com caboclo é coisa difícil muito" (um regional, de São Pedro).

## I- APRESENTAÇÃO:

O presente relatório de pesquisa é o resultado das observações realizadas durante nossa permanência (segunda quinzena de janeiro e primeira do mês de fevereiro de 1975) entre os índios Suruí (3) do Pará. A apresentação dos dados obtidos neste período de trabalho pretende: a-descrever, de modo geral, as condições sob as quais vivem atualmente os Suruí e algumas/ características de sua organização sócio-cultural; b-indicar os problemas que mais os atingem — constatados, além do desenvolvimento de nossa investigação, através de leituras sobre este grupo tribal, depoimentos dos / chefes de posto e dos índios em particular; c-propor, sempre que possível, medidas práticas que possam solucionar ou amenizar os problemas apontados procurando, desta forma, orientar o desenvolvimento do convênio / firmado entre a Universidade de São Paulo, a Fundação/ Nacional do Índio e o Projeto Rondon — convênio este / que tem por objetivo atender a esta e outras comunidades indígenas do Estado do Pará.

A realização desta pesquisa preliminar foi possível graças à Universidade de São Paulo que nos / hospedou, durante alguns dias, no seu "Campus" Avançado, em Marabá; à Fundação Nacional do Índio (FUNAI), que se encarregou das despesas necessárias à nossa manutenção na aldeia, e ao Projeto Rondon, pelo nosso / transporte.

Finalmente, queremos agradecer ao Dr. João/ Baptista Borges Pereira que, como titular da cadeira / de Antropologia da Universidade de São Paulo, apoiou a realização deste trabalho, e à Dra. Lux B. Vidal, da mesma Universidade, que nos prestou valiosa orientação / desde a elaboração do projeto inicial de pesquisa até

a discussão final dos dados levantados. O Sr Antônio Pereira Neto, ex-chefe do P.I. Sororó, tudo fez para que ficássemos a vontade entre os Suruí, além de ter colocado à nossa disposição preciosos dados a respeito destes índios ; o Sr Mário Barbosa dos Santos, atual encarregado do P.I., colaborou intensamente com o nosso trabalho. A estes dois funcionários da FUNAI nossos agradecimentos e amizade. Os colegas Antônio Carlos Santos e Iara Ferraz (que atuaram, respectivamente, entre os Parakanan e Gaviões), revelaram-se excelentes amigos, auxiliando-nos sempre que surgia algum tipo de dificuldade.

São Paulo, 23 de Março de 1975



---

Renato da Silva Queiroz

(Auxiliar de Ensino junto ao Departamento de Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo - Cadeira de Antropologia).

II- HISTÓRICO DO GRUPO E LOCALIZAÇÃO DA  
ALDEIA:

"Eu saí daqui da aldeia foi porque/  
eu perdi meu pai e minha mãe. Meu pai  
morreu primeiro, depois fiquei com  
minha mãe e o Assaí se juntou com/  
ela ; depois minha mãe morreu e eu  
fiquei junto com meus irmão ; aí o  
padre começô a trabalhá na aldeia e  
viu que não tinha ninguém prá cuidá  
de mim e então me levô prá Concei -  
ção do Araguaia, no rio Tocantins "  
(4).

Os pais de Tibakou morreram vitimados por epi-  
demias de gripe, frequentes após o início dos contatos  
permanentes dos Suruí com a sociedade regional, a par-  
tir de 1960. [Esses índios foram pacificados em 1953, a  
través da atuação de um missionário ( neste intervalo/  
de tempo — 1953 a 1960 — , entretanto, permaneceram /  
ainda relativamente isolados). Os Suruí pertencem ao  
tronco linguístico Tupi e estão localizados na região/  
do Médio Tocantins, a 120 quilômetros da cidade de Ma-  
rabá, no Estado do Pará (ver mapa nº 1). Em 1961 Laraia  
contou apenas 40 índios, os únicos que sobreviveram às  
diversas epidemias de gripe e outras moléstias (intró-  
duzidas pelos "civilizados"), responsáveis por um ele-  
vado índice de mortes no seio deste grupo Tupi. Tal /  
processo de depopulação, porém, havia sido iniciado an-  
tes da pacificação : guerras com os Kayapó, inimigos /  
tradicionais dos Suruí, ceifaram a vida de muitos des-  
tes últimos (veja-se as referências sobre estas guer-  
ras no mito "Sahya", anexado neste trabalho). Lux Vi -  
dal, por exemplo, faz referência a um destes episódios  
guerreiros, escrevendo que "Do outro lado do rio Ita -  
caunas, em frente à confluência com o rio Branco, (os

Xikrin, grupo Kayapó) encontraram os Mudjêktire(Suruí) com os quais entraram em choque" (Vidal, 1972 29). Todos estes acontecimentos engendraram profundas alterações na organização sócio-política da sociedade Suruí (Cf. Laraia, 1963), o que pode ser / constatado ainda nos dias atuais, como veremos mais adiante. É importante indicar, no entanto, que em 1953 esta sociedade indígena possuía uma população calculada em cerca de 100 pessoas (Cf. Laraia, 1967 b : 29).

Segundo Laraia, " Foram fatores econômicos de uma mesma ordem, decorrentes da atividade extrativista, que estimularam os regionais a penetrar nas áreas tribais (referindo-se, além dos Suruí, aos Akuáwa-Asurini e também aos Gaviões). E a história desta penetração está ligada ao início/ da exploração intensiva da castanha ..." (Laraia , 1965 : 68).

Este mesmo autor, que realizou pesquisas entre os Suruí e os Akuáwa-Asurini, afirma/ ainda que estes dois grupos fizeram parte, num passado não muito remoto, de um único grupo, maior, o qual, através de um processo de cisão, desmembrou-se, dando origem a comunidades menores : "...a separação entre os Suruí e os Akuáwa-Asurini processou-se, na verdade, antes da travessia do rio Vermelho, quando ambos habitavam o Oeste, provavelmente próximo às margens do Xingu. Com referência aos Akuáwa-Asurini não há dúvida que atingiram a região de Tucuruí procedente do Oeste e, ainda hoje, índios agressivos aparecem na região de Altamira / com as mesmas características dos Akuáwa-Asurini " (Cf. Laraia, 1972 a : 15). (Sabe-se que estes "índios agressivos" aos quais se refere Laraia já/ foram pacificados, são chamados por Asurini e estão hoje localizados no P.I. Koati-nema, perto de

Altamira). Esta conclusão foi formulada pelo autor após estudo comparativo realizado a respeito / de aspectos ligados à cultura material, organização social e sistema mágico-religioso dos dois grupos indígenas em questão.

"Fiquei uns tempo no Conceição do Araguaia. Saí daqui da aldeia era muito doente, porque não tinha / ninguém prá cuidá de mim. Fiquei / uns tempo lá, aprendendo, aprendendo a escrevê o meu nome, num / seminário dos padre que tinha lá. Fiquei uns dois meis, treis meis / lá, mas não gostei não. O movimento era meio chato, ruim prá mim / lá. Eu não sabia nadinha. Eu não / entendia nada que os povo falava / prá mim. Cheguei lá no colégio e o padre falô prá mim ficá a vontade, que não precisava tê medo dos outro. Eu ficava desconfiado, os outro ficava gozando da minha cara e eu quietinho. Não sabia nada não. Não fazia nadinha com ninguém : ficava brincando, não brigava não. Tinha dia que o padre / me dava explicação prá mim aprendê a escrevê o meu nome. Chegou a época que eu não gostei de ficá / no Conceição do Araguaia".

Os Suruí afirmaram não gostar da atual localização da aldeia, onde estão desde setembro de 1974 / (ver mapa nº 2). A escassez d'água (não há rios nas/

proximidades, nem mesmo um pequeno igarapé ; apenas dois "fios" d'água, somados a dois poços artesanais, atendem às necessidades da população), a raridade da caça e o terreno acidentado e pedregoso ("que gasta o sapato muito") são os fatores apontados pelos próprios índios como os que tornam indesejável a permanência neste local. A mudança da antiga aldeia para a nova (distante uns 4 quilômetros da primeira) teria sido motivada, conforme dizem, pela morte de várias cabeças de gado / que possuíam (5). Atribuíram as mortes à existência de "ervas venenosas" entre a vegetação que, na aldeia antiga, servia de alimentação para o reduzido rebanho (ao que tudo indica, todavia, o gado foi vitimado por raiva). Restam hoje uma vaca, 2 bezerros e um touro, que estão fora da aldeia.

Tomamos conhecimento ainda de que a escolha da área onde se encontram instalados os Suruí teria ficado a critério do Sr Mariano, funcionário braçal do P.I., o qual escolheu então o local tendo em vista a "beleza da paisagem" e outros fatores puramente estéticos. Por outro lado, pensamos que os atritos com proprietários de terras que fazem limites com a área indígena, bem como o temor dos Suruí em relação a algum tipo de provocação mais séria foram as causas principais da transferência de aldeia. Como os atritos diminuíram em intensidade há algum tempo, falava-se / já do retorno à aldeia antiga ou então de nova mudança para outro local da área indígena, mais generoso em água, caça e relevo.

Permanece ainda na antiga aldeia a "casa da farinha" (dois fornos e um triturador de mandioca). A farinha produzida é transportada, geralmente em lombo de burro, para o novo aldeamento. As três casas (grandes, internamente subdivididas) da aldeia velha servem hoje de moradia pro

visória para os "tropeiros" que transportam castanha e também para alguns índios que coletam este produto e fazem farinha. Há, distante mais ou menos 100 metros das casas, uma pequena pista de pouso para helicópteros e aviões de reduzido porte, não muito bem conservada. Nas imediações da antiga aldeia há também um pequeno igarapé, caça/relativamente abundante e uma boa roça, além do pomar.

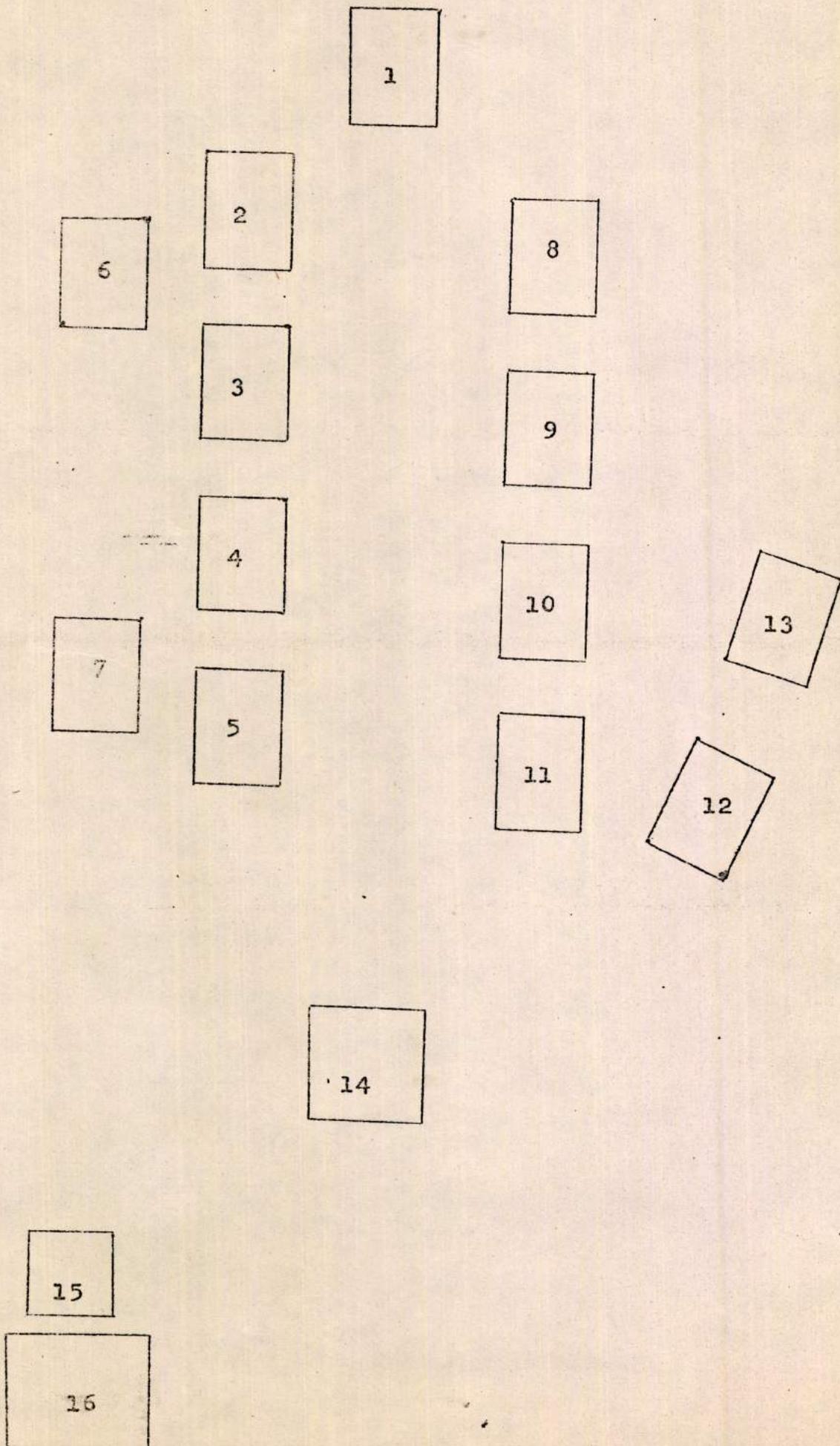
São 13 as casas que compõem a nova aldeia, além das que abrigam o chefe do P.I. e o funcionário braçal, Sr Mariano. O terreno acidentado forçou a disposição das casas de tal forma que os índios ficaram sem uma "praça" onde realizar suas danças e cerimônias e que também pudesse servir para as brincadeiras infantis (as danças que presenciamos ocorreram todas ou no interior de uma das casas ou então no "terreiro" da moradia do Sr Mariano). Buracos abertos na frente das residências, que recebem todo o lixo e materiais/indesejáveis terminam por inutilizar o reduzido espaço disponível.

Todas as casas dos Suruí abrigam famílias elementares e alguns agregados (solteiros, órfãos e viúvos). São todas construídas no estilo regional : dois cômodos, um aproveitado como sala-cozinha-dormitório e o outro como dormitório e local onde são guardados os objetos mais "valiosos". O piso é de terra batida, estrutura de troncos de madeira (geralmente "pau-santo"), cobertura de folhas de babaçu, as "paredes" de ripas de madeira e folhas da mesma árvore. Uma ou duas aberturas no cômodo que serve como sala são utilizadas ao mesmo tempo como porta e janela ; outra, da qual se projeta um "givan", tem a função de permitir a lavagem de utensílios de cozinha e outros objetos.

As casas do encarregado do P.I. e do Sr Mariano obedecem ao mesmo estilo de construção. A primeira possui apenas um cômodo e uma / "varanda", aberta, enquanto a segunda é constituída por quatro cômodos : quarto, sala, cozinha, e um último que serve, ao mesmo tempo, de dormitório, sala de rádio, farmácia, enfermaria e escritório ( os alimentos e outros materiais / são também guardados neste mesmo local). Abandonada, a meio caminho entre a casa do P.I. e as dos índios, encontra-se, semi-acabada, uma outra (coberta de telhas "Eternit" ), que serviria, quando pronta, de moradia ao funcionário / encarregado da chefia do P.I. Uma "fossa negra", a única existente, atende às necessidades apenas dos funcionários da FUNAI. Não há pista de pouso no novo aldeamento e a roça plantada de - verá produzir somente a partir de 1976.

Pode-se atingir a aldeia, partindo - -se de Marabá, pela seguinte forma: de Marabá / ao entroncamento de São Domingos, através da / Transamazônica (60 quilômetros, mais ou menos); segue-se então até São Domingos e, desta cidade, pela O.P.2, mais uns 50 quilômetros ; finalmente, um "ramal" de 1 quilômetro leva até a aldeia. O acesso por via fluvial é praticamente / impossível, mas a pista de pouso da antiga aldeia pode receber helicópteros e pequenos aviões.

( Fig.1) DISTRIBUIÇÃO DAS CASAS  
(Aldeia Nova)



### III-- ASPECTOS DEMOGRÁFICOS:

"Eu pedi prô frei prá ele arrumá otro lugar prá mim ficá. Aí ele me levô prá São Paulo. Fui de avião, com otro padre. Fui embora prá São Paulo. Fiquei num colégio dos padre lá em Perdizes, tomando remédio primeiro. Tinha medo/ do civilizado, do branco, porque eu não sabia falá, não entendia nada do que os outro falava prá mim e eu ficava com medo. As mulher me chamava prá perguntá alguma coisa e eu tinha medo. Estranhei por causa do frio ; muita gente. Mas depois foi indo, foi indo, eu acostumei, depois que eu fiquei no colégio lá em Poá, um orfanato que chamava, prá criancinha que não tinha pai nem mãe. Gostaram muito de mim. Me apresentaram assim: em cada classe eu entrei, não sabia falá nada. Aí o frei disse prá mim não ficá acanhado não, que era prá mim falá o que os outro perguntava. Eu já sabia/ um pouquinho o meu nome, aí ele mandô prá mim escrevê o meu nome no quadro. Todo mundo ficava gritando; o frei falava que era um índio que ia ficá no colégio. Fiquei quatro ano no colégio, no 'Reino da Garotada'. Quando cheguei no colégio eu estranhava / muito.

                  Chegô a hora do recreio e os menino gritava : --Chama o índio / aí. O padre falô : --Vai brincar com eles, não precisa ter medo não. Tinha

ta aí, índio, vamos conversar. Eu senti lá de besteira, feito um bobão, não sabia direito o que os menino tava falando prá mim. Aí eles começaram a batucá numa lata velha e eu fiquei com medo, fiquei bem no meio da roda. Aí um menino falô que não ia fazê nadinha comigo não. Eu fiquei quieto, não falei nada. Depois eu fiquei sendo colega deles, peguei conhecimento deles.

Eu comecei a pegá prática, a falá o portugueis. Lá no colégio eu fiquei estudando, estudava e trabalhava também, o padre mandava catá papel e limpá em vorta da casa. Tinha dia que eu ia brincá, jogá bola ; era só isso. Dia de semana era só na escola memo. Nem pensava de vim prá cá (aldeia). Não sentia mais saudade de ninguém ; bom, tinha cinco irmão aquí, mas também não pensava nisso. Tava lá, brincando, tudo. Até 66 eu fiquei no colégio. Aí eu vim aqui prá aldeia ; fiquei aqui em 66 e 67. No fim de 68 eu vortei prá São Paulo.

O frei tirô a gente do colégio prá passeá e prometeu que levava a gente de vorta. Não sabia que era prá gente vim prá cá. Foi o frei que me trouxe de vorta prá cá. Estranhei muito quando cheguei na aldeia porque fazia muito tempo que eu saí daqui; eu achei muito estranho aquí. A linguagem deles também eu tinha esquecido um bocado. Eu vi a Teri, não conhecia mais ela... Perto da aldeia os índio vieram vê a gente. Era uns 4 ou 5".

Hoje, decorridos 15 anos de contatos permanentes dos Suruí com a sociedade regional, observa-se entre estes índios um vigoroso processo de crescimento demográfico: 40 pessoas em 1961 (Cf. Laraia, 1967 b : 30), 42 em 1969 (Cf. Vieira Filho, 1970 : 184), 64 em 1975, <sup>(e 74 em 1976)</sup> sem contar os futuros filhos das 4 mulheres que estavam grávidas (Tomatinga, Wassakuai, Wáwai e Mureta - ma) quando deixamos a aldeia. Explica-se este crescimento pelos programas de vacinação desenvolvidos a partir de 1969, bem como pela disponibilidade de medicamentos na aldeia.

Dos 64 índios, <sup>35</sup> 29 são do sexo masculino e <sup>39</sup> 35 do sexo feminino. Dos adultos, 5 homens são solteiros: ~~Apíá~~, Tawé, ~~Putemo~~, ~~Ihavé~~ e Marahí(6); duas mulheres, velhas, são viúvas: Murú e Wahá. Habitam ainda a aldeia o encarregado do P. I. e o Sr Mariano com a família: espôsa, neto e filha adotiva.

Não observamos a existência de "arranjos poliândricos" na sociedade Suruí. Este tipo/ de arranjo, constatado por Laraia (1963) quando/ da fase mais aguda do processo de depopulação pelo qual passou o grupo, tinha por objetivo " ... atenuar os problemas decorrentes da escassêz de mulheres na tribo. Não se trata de uma forma totalmente sancionada, mas apenas tolerada, talvez somente enquanto perdurar o desequilíbrio demográfico" (Laraia, 1963 : 74). Ao que tudo indica os "arranjos poliândricos" já foram abandonados/ porque, como previu o autor citado, o equilíbrio entre os sexos ao nível dos adultos foi praticamente restabelecido : dos 5 homens adultos solteiros, um é bem maduro (Marahí) e o outro está/ noivo (Apíá) ; ~~Putemo~~, o terceiro, pensa em casar-se com uma "civilizada", embora não tenhamos observado nenhum casamento interétnico entre os

Suruí; Tawé e Hawé, segundo o ex-chefe do P.I., bem como os outros três já citados, costumam frequentar um miserável prostíbulo em São Domingos/ e casas de mulheres "tolerantes" nas proximidades da aldeia.

Por outro lado, o pequeno número de homens adultos (casados e solteiros) gera alguns problemas, como a impossibilidade de fiscalizar o território tribal, frequentemente invadido e explorado por "civilizados"; dificuldades/ no sustento das crianças e mulheres, além da necessidade de contar com trabalho "civilizado" na coleta de castanha, no transporte da mesma das "colocações" para o depósito na aldeia, já que apenas os índios não conseguem realizar toda a tarefa necessária ao longo da safra deste produto nativo.

NOMES E DATAS PROVÁVEIS DE NASCIMENTO:

(por famílias elementares)

VER FIG. 1

<u>NOMES</u>	<u>SEXO</u>	<u>IDADE(datas)</u>
2 { 1-Savarahá	masc.	1938
2 { 2-Wárai (guanda)	fem.	1943
3-Terepibi	fem.	1965
4-Ehapikão	masc.	<del>1958</del> 1966
5-Pirivaíty	fem.	1970
6 - <del>Taraxipa</del> waveressú	fem.	1973
7 - Aracy	masc.	1975
6 { 8-Warini	masc.	1934
6 { 9-Tahá	fem.	1938
10-Pytéma	masc.	1955X
12 - Ana, Uana	fem.	<del>1957</del>
13-Hawé	masc.	1957
14-Arumã	masc.	1965
15-Ikanuí	fem.	1969
16-Waveressú	fem.	1972
17-criança + <del>matern</del>	fem.	1975

A	11	17-Mihó	masc.	1941 <sub>o</sub>
		18-Nerona	fem.	1951 <sub>x</sub>
		19-Avassaiméu	fem.	1972 <sub>✓</sub>
		20-Sahia	fem.	1973 <sub>✓</sub>
		21-nenē	fem.	1976 <sub>✓</sub>
H	9	22-Massara	masc.	1945 <sub>o</sub>
		23-Kitia	fem.	1947 <sub>x</sub>
		24-Saiuíy	fem.	1965 <sub>✓</sub>
		25-Aruré	fem.	1971 <sub>✓</sub>
		26-criança Munehá <sup>o</sup>	masc.	1974 <sub>✓</sub>
		27-muru	fem.	1900
K	10	28-Umassú	masc.	1945 <sub>o</sub>
		29-Arihêra	fem.	1946 <sub>x</sub>
		30-Ivahij	fem.	1963 <sub>✓</sub>
		31-criança Amorena (Kuzó)	fem.	1966 <sub>✓</sub>
		32-Moreirú	fem.	1970 <sub>✓</sub>
		33-criança Ana <sup>o</sup>	masc.	1974 <sub>✓</sub>
		34-Matua		
		34-Marahij	masc.	1928 <sub>+</sub>
		35-Assaij <sup>35</sup> Irikuaí	masc.	1959 <sub>+</sub>
		35-Assaij	masc.	1934 <sub>+</sub>
C	1	37-Muretama → O	fem.	1956 <sub>+</sub>
		38-Tunekaa * (Kaka → Δ) <sup>o</sup>	fem.	1972 <sub>✓</sub>
		39-criança <sup>o</sup> Murehopyy fem	fem.	1975 <sub>✓</sub>
B	13	40-Arekaxwi	masc.	1949 <sub>x</sub>
		41-Wassakwai	fem.	1950 <sub>x</sub>
		42-Arekassá <sup>o</sup>	masc.	1971 <sub>✓</sub>
		43- <sup>o</sup> nasceu	fem.	1975 <sub>✓</sub>
N	12	44-Mikuá	masc.	1918 <sub>o</sub>
		45-ypureia	fem.	1952 <sub>x</sub>
		46-Tamaré(*) → I)	masc.	1965 <sub>✓</sub>
		47-criança Koatiariy	masc.	1973 <sub>✓</sub>
		48-melino	masc.	1975 <sub>✓</sub>
M	5	49-Koimoá	masc.	1933 <sub>o</sub>
		49-Muruá	fem.	1954 <sub>x</sub>
		51-Tawé (*)	masc.	1949 <sub>x</sub>
		51-Kuina	fem.	1967 <sub>✓</sub>
		52-Wirating <sup>wa</sup>	fem.	1972 <sub>✓</sub>
		53- <sup>Maximiliano</sup>	masc.	1974 <sub>✓</sub>

I 54 Vahá  
50 Tamari

fem  
masc.

23 5 66  
65

16

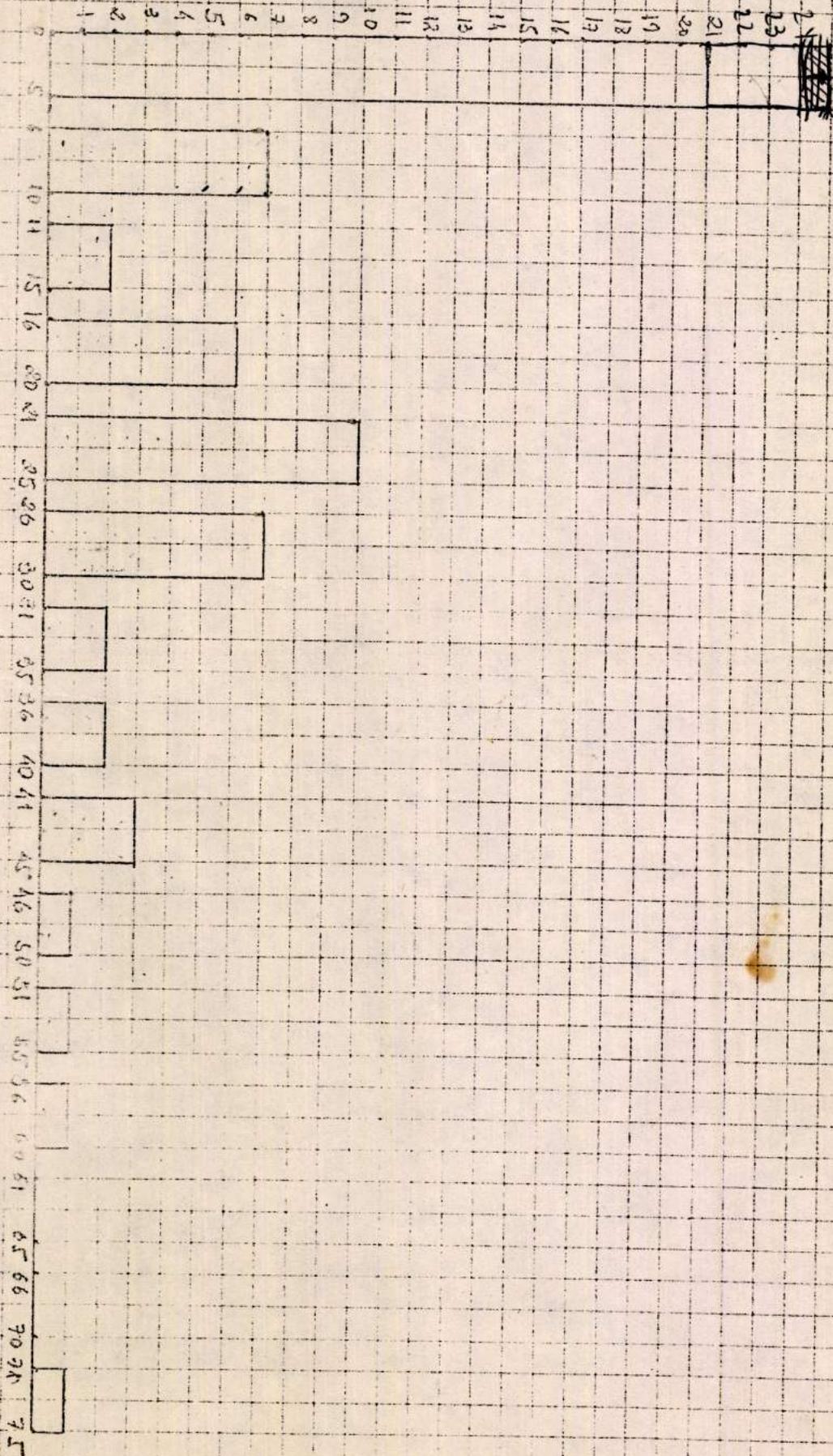
	55	46-Tibakou	masc.	1948X
G	56	47-Teriweri	fem.	1952X
	57	48-Alex	masc.	1970
	58	49-Ana Paula	fem.	1972
		59-Tipe peu	fem.	1976
	60	50-Tiremé	masc.	1953X
F	61	51-Opireme (grávida)	fem.	1954 R
	62	52-Temá	fem.	1971
	63	53-Tiramoá	fem.	1973
	64		masc.	1975
J	65	54-Kaká	masc.	1957
	66	55-Sarissapuá	fem.	1957
	67	56-criança Anapén ♀	masc.	1975
E	68	57-Savarapí	masc.	1953X
	69	58-Tomatinga	fem.	1954X
	70	59-Mayira	masc.	1972
	71	60-MAHUI ♂ masc	masc.	1975
	72	61-APY ♂	masc.	1954X
Unesma	73	60-Irikua	masc.	1959
	74	61-Apí	masc.	1954
	75	62-Marahí	masc.	1928
	76	63-Murú	fem.	1900
	77	64-Vahá	fem.	1923

Observações: os homens correspondentes aos números 60, 61 e 62 são solteiros e órfãos;  
-as mulheres correspondentes aos números 63 e 64 são velhas, viúvas.

(\*) -Tamaré e Tawé (n<sup>os</sup> 38 e 42) estão ligados às suas respectivas famílias e lementares apenas pelo lado paterno.

DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO

Faixas etárias de 0 a 5 anos, de 6 a 10 anos, etc.



PORCENTAGENS SOBRE A POPULAÇÃO:

Segundo nossos cálculos, temos as seguintes porcentagens, aproximadas: Até 30 anos.

1- 32,8% da população se concentra na faixa etária de 0 a 5 anos de idade

2-10,9% na faixa de 6 a 10 anos

3-3,1% " " " 11 a 15 anos

4-9,3% " " " 16 a 20 anos

5-15,6% " " " 21 a 25 anos

6-10,9% " " " 26 a 30 anos

Concluindo, 80,6% da população se concentra na faixa etária de 0 a 30 anos de idade, num total de 53 pessoas das 64 que compõem a população Suruí.

IV- CHEFIA:

"Não conheci eles, não sabia mais quem era. Na estrada nós paramo/ um pouco. Começamo a trocá a lin- gua com os índio. Meu irmão tava/ com medo, eles tava falando mui - to. Aí eu falei prô meu irmão não ficá com medo dos outro não. Um/ índio começô a passá a mão na ca- beça do Tiremé, meu irmão ; ele / então chorô. Eu tinha comprado um bocado de pedrinha de isqueiro. Os índio pediram cigarro. Eu dei as pedra prá eles, o frei distribuiu cigarro, uma carteira prá cada um.

Eu fiquei cansado de an - dá. Eu falei prô Tiremé : — quan- do eu chegá na aldeia não quero / nem sabê de batê papo com ninguém. Eu quero sabê é de dormir, eu tô cansado, eu vô mais morto do que vivo. Tava cansado memo. Quando / eu ia chegando na aldeia eu vi / uma moça de calça comprida. Era a Teri, filha do Kuarikuara ; passô na minha frente com a calça com - prida bacana".

O chefe ( ou "capitão") dos Suruí é Savarahá, do X  
clã Saopakania (Gavião). Sabe-se, entretanto, que a  
chefia deste grupo Tupi é hereditária e pertence ao /  
clã Koací-arúo (Coati). Segundo Assaí, o pajé, todas/  
as pessoas deste clã são descendentes de Maíra (herói  
civilizador dos Tupi), confirmando observação de Lara  
ia que escreve: " Não existem lutas internas pela che

fia tribal, porque esta é hereditária, pertencendo ao clã Koací-arúo, cujos membros julgam-se / descendentes diretos de Mahíra, amoysa (avô) de todos os Suruí " (Laraia, 1972 b : 57).

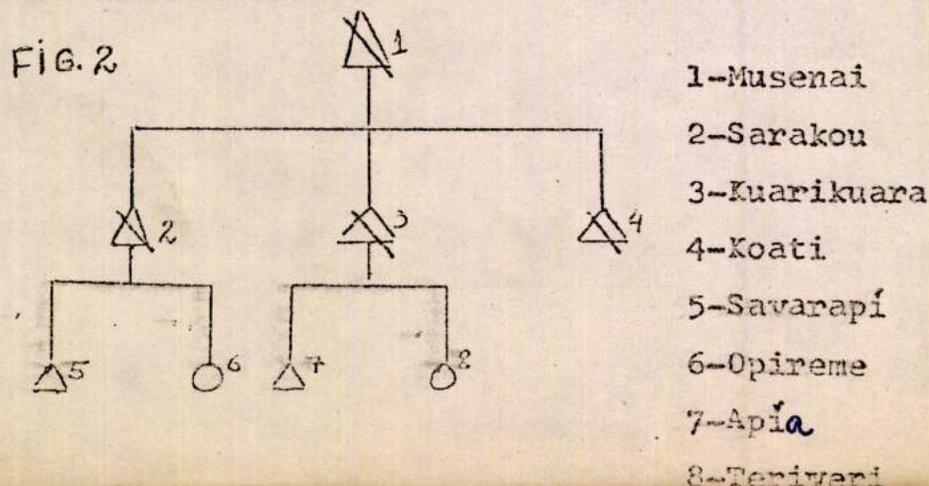
Quando o velho Musenai (um Koací, chefe do grupo na época da pacificação) faleceu, em 1960, seu filho mais velho, Sarakou, mesmo sendo o primogênito, não substituiu o pai. Kuarikuara, segundo filho de Musenai, herdou o posto, pois Sarakou era um homem "anormal", um marginal no seio de seu grupo (Cf. Laraia, 1967 a). Sarakou e Kuarikuara faleceram em 1962. Assumiu a chefia então o filho mais novo de Musenai : Koati. Com a morte deste último, logo em seguida, a chefia ficou, durante pouco tempo, nas mãos de Umassú, do clã Karajá, pois Sarakou e Kuarikuara deixaram filhos / ainda pequenos (respectivamente Savarapí e Apía), e Koati, ao que tudo indica, não deixou descendentes : ficou o clã da chefia, desta forma, desprovido de elemento adulto que pudesse assumir o cargo. Segundo os Suruí, data mais ou menos deste / tempo a "escolha" de Savarahá para a chefia, o / qual teria sido imposto ao grupo por um "civilizado".

Embora Savarahá seja o "capitão", na realidade Umassú é o líder do grupo (mas faz questão de dissimular sua influência — "o capitão é quem sabe", é a frase preferida de Umassú quando se trata de qualquer decisão). Por outro lado, estas últimas sempre cabem, em última análise, ao encarregado do P.I.. É esta a pessoa que na verdade dirige a vida do grupo, que se encarrega das / resoluções mais importantes, enfrentando escassos obstáculos e difusas resistências por parte dos / índios que, de uma maneira ou de outra, submetem-se ao "poder do barracão" (7).

Convém observar que os Suruí já passaram por desagradáveis experiências quanto à

liderança. Transcrevemos, a seguir, a título de exemplo, uma passagem de uma obra de Laraia: "Musenai, o velho chefe, morreu em abril de 1960. Durante longos anos fora o guia da pequena tribo; sua morte ocasionou uma situação de consternação agravada pela morte de outros homens idosos, também vitimados pela gripe. Um regional, João Correia, aproveitou-se desta situação e conseguiu ganhar a confiança da tribo. Isto graças, também, à companhia de duas índias Karajá, uma das quais cedeu a um homem Suruí. Antes que o novo 'Morobixawa' conseguisse firmar-se na liderança da tribo, João Correia passou a ter um papel proeminente, quase de chefia, procurando transformar os índios em 'caçadores de peles'.. Aproveitando-se da boa receptividade encontrada por parte dos índios, levou para as suas terras mais 25 caçadores que substituíram as mulheres, devastaram as roças, aceleraram a difusão da gripe, o que veio a resultar numa epidemia que reduziu a tribo a 40 índios" (Laraia, 1967/b : 30).

Finalizando, queremos ressaltar / que parece haver consenso quanto à passagem da chefia das mãos de Savarahá para as de Apí, filho de Kuarikuara. Segundo os índios, tão logo Apí, hoje adulto, contraia matrimônio com Iva-ní, filha de Umassú, a transmissão da chefia deverá se concretizar(8).



V- ATIVIDADES ECONÔMICAS E ALIMENTAÇÃO:

"Ela perguntô prô frei :—Frei, cadê o Tibakou? O frei me apontô e ela / correu e ficou abraçada comigo. Quando eu cheguei de São Paulo eu falava só na gíria de lá : eu falava 'mora' porque o Roberto Carlos falava naquele tempo era na gíria. Os povo daqui da mata não sabe o que é não, não sabe nada ; sei que eu falava a gíria/lá de São Paulo e os cara ficava só olhando prá mim.

Aí eu deitei, tava cansado, morto só de andá. O Mikuá falava prá mim vê as moça, me chateando. Que diabo de moça, não queria sabê de moça não! Nem conhecia as menina, como é que eu ia conversá com as menina ? O frei não gostava que a gente falava com as moça não...

Comecei a trabalhá na roça. Não gostava muito não, não tinha prática de fazê nadinha. Tinha medo/do mato, até hoje ainda tenho medo / de me perdê no mato. Eu gosto da mata, prá mim caçá eu gosto, mas eu andando com os outro companheiro ; mas eu sozinho me perco ai no mato.

Eu trouxe uma radiola de São Paulo. Ia trazendo um bocado de disco do Roberto Carlos, do Erasmo . Os índio gostava dos disco. Quando era noite a gente punha os disco e ficava a noite todinha tocando o disco. A Teri ficava comigo até de manhã. Aí notaram que eu tava gostando

da Teri. Mas eu não tava gostando dela não, porque quando a gente / tava no colégio tinha o costume / de criá aquela amizade com as menina, tudo, batê papo, e os índio aqui da aldeia acharam que eu tava gostando da Teri. Nem tava pensando em negócio de casamento. Quer<sup>ia</sup> vortá prá São Paulo, continuá os estudo, mas o frei falô que era prá gente ficá na aldeia, tocando a vida ; eu falei que não / tinha costume de trabalhá na roça. Ele disse que eu ia aprendendo".

□ A alimentação básica dos Suruí é composta por farinha de mandioca e carne de caça. As caçadas das quais participamos foram todas realizadas por um ou dois homens adultos (não vimos nenhuma caçada coletiva, embora alguns informantes tenham nos assegurado/ que, antes da realização de uma grande festa — que / não ocorre há anos —, quase todos os homens passam/ vários dias na mata matando animais que serão consumidos durante este acontecimento). Esses índios já / abandonaram o arco e a flexa : a arma que utilizam / é a espingarda cartucheira (calibre 20). □ As caçadas/ bem sucedidas ocorreram todas longe da aldeia nova, sempre nas imediações da antiga.

É comum o caçador levar consigo, nas caçadas diurnas, um ou dois cães que farejam e acam o animal; nas noturnas, entretanto (quando se "espera" o veado ou outro animal num determinado ponto da mata), dispensa-se o cão, que geralmente "espanta o bicho". As caças abatidas com maior frequência e mais cobiçadas pelos Suruí são o veado (mixara), anta (tapira), paca (caruaruhú), caitetú (tiuhá), cotia, tatu, quei

xadas, além de macacos (principalmente guaribas), jacarés e aves de médio e grande porte (mutum e jaó). Os homens não consideram o jaboti(jaoti)uma "caça" — "coletam" este animal, que é o único alimento que pode ser "conservado", consumindo-o nos dias de penúria alimentar.

Quando saem para qualquer atividade os homens sempre carregam a espingarda e alguns cartuchos, esperando localizar alguma presa ao longo da caminhada, bem como para o caso de aparecer pela frente uma onça ou cobra. Muita caça é abatida nestas circunstâncias, embora o caçador parta às vezes com destino certo: a trilha de algum veado, que poderá ser encontrado durante o dia ou à noite, na "espera". Se a caça abatida for suficientemente grande para ser distribuída fora da família elementar do caçador ela o será: entre seus parentes próximos, irmãos, cunhados, etc. (Arekachou várias vezes caminhou quilômetros para levar um pedaço de carne ou um animal inteiro para sua irmã) ; o encarregado do posto frequentemente recebe uma parte do animal abatido.

As proibições que recaem sobre determinados alimentos quando do nascimento de uma criança afetam as atividades cotidianas do casal ao longo do período de resguardo, variando conforme o tempo decorrido desde o parto e o sexo dos progenitores. Assim, Variní, grande caçador, com o nascimento de seu filho não podia mais abater, carregar e consumir caitetú, anta, cotia e veado — a proibição que interdita o consumo deste último cessa 15 dias após o parto. Sua mulher, Tahá, além de não poder se alimentar da carne destes mesmos animais, teria ainda que se movimentar o mínimo possível durante os 40 dias que se seguem após o parto. Pacá, jaboti branco e jaó estão isentos de restrições em qualquer época ; as proi-

bições relativas aos alimentos, indicadas acima, devem ser obedecidas pelo casal — os outros filhos não são atingidos — até que a criança comece a caminhar ; caso contrário, esta última "morre". Observamos também que Xaká, na noite seguinte ao nascimento de seu filho, não participou / das danças do grupo ; não pudemos constatar, porém, se tal fato era devido a algum tipo de restrição, como também não pudemos verificar quais / as proibições ( se existem) que devem ser observadas em períodos que antecedem o parto.

Embora não tenhamos permanecido / mais do que um mês entre os Suruí, podemos afirmar ( conforme nossas observações e segundo depoimentos de informantes) que de dezembro a maio as caçadas são mais frequentes ; esta é justamente a época em que os homens, por estarem trabalhando na coleta da castanha, não se dedicam à agricultura (que, neste período, não necessita de maiores cuidados) e, estando a maior parte do / tempo na mata, dependem da caça para a alimentação.

Durante este mesmo período são abundantes os frutos, coletados na floresta : cupuaçu, bacaba, cacau-do-mato, apí, ingá, babaçu, as saí, mamão-do-mato, almescão e piquí, sem contar a castanha, cuja coleta será analisada com maiores detalhes. O mais procurado é o cupuaçu que / é consumido com açúcar e leite de castanha. So-mam-se às frutas nativas as que são cultivadas / no pomar da antiga aldeia : limão, banana, laranja, manga, goiaba, cajú, maracujá, etc. No caso / destas últimas, há que se destacar o problema do transporte para o novo aldeamento : ou são consumidas quando alguém vai até o pomar, ingerindo - -as no local, ou quando são levadas (ocasionalmente) para a nova aldeia.

A pesca ocupa, entre as atividades de obtenção de alimentos, a última posição em importância, sendo mesmo desprezada pelos Suruí, que / não dispõem de rios ou igarapés onde apanhar grandes peixes . Os peixes raramente fisgados (com anzol e linha ) são a piranha, traíra, cará, pacú, su rubim e arraia (9).

A atividade agrícola — que se inicia/ por volta do mês de junho com a derrubada da vegetação — é hoje exclusivamente tarefa masculina. La raia observou, durante o andamento de suas pesquisas, que no plantio da mandioca, por exemplo, o papel mais importante era o feminino, "... tarefa/ que só pode ser executada por mulher casada, sendo o marido um colaborador" (Laraia, 1967 b : 56). Escreve este autor ainda que " Em 1961, o grupo possuía apenas 7 mulheres : Awa, Murua, Tahá, Wawai , Aliheira, Kitia e Wasakuái. As duas primeiras eram viúvas, a última embora já vivesse com seu marido, ainda não mantinha relações sexuais, por ser impúbere ; as demais estavam normalmente casadas. A consequência para o sistema de produção de um número reduzido de mulheres, deriva do fato de que entre estes índios só mulheres devidamente casadas , e em idade de procriação, podem ter roça de mandioca. Aos homens cabe o plantio do cará, batata-doce, banana, pimenta e algodão. Mas para um grupo / em que a ênfase alimentar recai sobre a mandioca, a escassez de mulheres constitui um problema duplo " (Laraia, 1972 b : 101).

Pensamos que se a escassez de mulheres levou a sociedade Suruí a engendrar "arranjos/ poliândricos", modificando assim seu sistema de regras matrimoniais (resolvendo desta maneira uma face do duplo problema apontado por Laraia), este / mesmo fenômeno (escassez de mulheres) deve ter, i -

tradicional do trabalho entre os sexos, principalmente em se tratando de uma questão intimamente / ligada à produção de alimentos. Acrescenta-se a isto os contatos, cada vez mais frequentes, com a sociedade regional e a incorporação, ao que tudo / indica, de um tipo de divisão do trabalho por sexos vigente no seio desta última : como pudemos / verificar (além das informações prestadas pelos / informantes), na sociedade Suruí os homens cuidam hoje das atividades produtivas e as mulheres se / dedicam exclusivamente ao serviço doméstico.

A atividade agrícola é, portanto, atribuição totalmente masculina. Após a derrubada / da mata (com o auxílio de machados, foices, ser - ras e outros instrumentos metálicos) e queimada / da vegetação, no período seco ("verão"), ocorre o plantio, ao final do ano (um pouco antes das chuvas, do "inverno"). Mandioca, milho, algodão, arroz, feijão, batata, cará, inhame e cana-de-açúcar são as plantas mais cultivadas, embora esta última e o café tenham importância secundária. A principal é a mandioca brava, com a qual fazem farinha, tare - fa exclusivamente masculina.

Além da caça, coleta, agricultura e pesca, o P.I. fornece aos índios (mediante doação ou "venda") alimentos "civilizados", plenamente incorporados à sua dieta : açúcar, sal, café, arroz, feijão, latarias. Algumas mercadorias são igualmente fornecidas pelo posto : pilhas para / lanternas, botas de borracha, fumo em corda, sabão, cartuchos, algumas peças de roupa, linha e anzóis para pesca, etc.

Os Suruí já possuem um pequeno rebanho bovino, hoje reduzido apenas a 4 cabeças : uma vaca, um touro, 2 bezerros que, no entanto, não / se encontram na aldeia (estão em São Raimundo, sob os cuidados de um regional). A maior parte do ga-

como  
aviso p/ ←  
a safra de  
castanha  
apenas

do morreu, provavelmente vitimada pela raiva. Possuem ainda 1 cavalo, 1 mula e 1 jumento, vários/ caães e galinhas (as quais raramente são consumi das, bem como os ovos que produzem).

A confecção de artesanato pratica - mente inexistente : encontramos muita dificuldade / em conseguir arco (uirapara) e borduna (wirapen). As redes-de-dormir são adquiridas nos centros ur banos mais próximos e a cerâmica foi há muito a - bandonada, em virtude da adoção de utensílios / "civilizados".

#### CASTANHA

Durante a safra da castanha, que se estende geralmente de dezembro a maio, os Suruí/ se dispersam, dirigindo-se em pequenos grupos( 2 ou 3 famílias, ou homens solteiros) para as "co - locações" (10), na floresta. Nesta época o traba - lho na roça é dispensável e a aldeia fica prati - camente vazia, triste e solitária.

A FUNAI, através do encarregado do P.I., contrata alguns "civilizados" para a reali - zação dos "serviços iniciais" que antecedem a co - leta pPropriamente dita (limpeza, abertura de pi - cadas, construção de mata-burros, etc.). Traba - lhadores "civilizados" também são empregados na coleta e no transporte do produto coletado da ma - ta para o depósito, nas imediações da aldeia, or - de toda a castanha, depois de lavada e medida(em "hectolitros") é armazenada, à espera de trans - porte para os centros urbanos (Marabá e Belém) . Os que se encarregam do transporte dentro da á - rea indígena são os "tropeiros", pois dispõem de uma tropa de burros no lombo dos quais carrega - -se a castanha. Tanto os índios como os "civili - zados" (coletores e tropeiros) são "aviados" pelo

P.I., isto é, recebem mantimentos adiantados (arroz, açúcar, pilhas, cartuchos, fumo, etc.), que serão pagos ao final da safra, após a venda da castanha. Este procedimento é idêntico ao de qualquer proprietário de castanhais da região, conhecido por "sistema do barracão" (Cf. Silva, 1973). Segundo o encarregado do posto, as mercadorias são vendidas a preço de custo para os Suruí, sendo o preço das mesmas mais elevado para os "civilizados". Quando termina a safra o encarregado do P.I. procede ao levantamento das mercadorias adiantadas, por pessoa ou família, bem como faz o levantamento dos hectolitros de castanha que conseguiram coletar ou transportar. Desconta, do valor total dos hectolitros coletados, a soma das despesas já realizadas: quando há saldo, paga aos índios e "civilizados". Os primeiros geralmente recebem o que conseguiram ganhar (quando isto acontece) em mercadorias, adquiridas nos centros urbanos pelo encarregado do P.I., segundo os pedidos dos índios; os "civilizados" recebem em moeda corrente, após sofrerem desconto de imposto sobre a renda — quando o saldo ultrapassa uma determinada quantia.

A castanha é transportada, por caminhão, até Marabá e Belém, onde é comprada pela 2ª Delegacia Regional da FUNAI — este ano foi estabelecido o preço de Cr\$ 35,00 por hectolitro. A Delegacia revende a castanha (que às vezes chega a alcançar o preço de 180,00 por hectolitro). Segundo o encarregado do P.I., o valor obtido com a comercialização da castanha é empregado, pela 2ª DR., da seguinte maneira: 45% é aplicado no próprio P.I.; 10% equivale ao "dízimo", isto é, a quantia que a Delegacia retira dos postos produtivos e envia àqueles improdutivos; desconhece o destino dos outros 45%.

A medida do hectolitro (100 litros)

não é precisa : 6 latas vazias de querosene, de 18 litros, o que equivale, na realidade, a 108/ litros ; acrescenta-se ainda a chamada "cabeça" (enchendo-se as latas de tal forma que a quantidade de castanha supera as bordas). Ficam prejudicados, assim, os que coletam a castanha na Floresta, quer pelo baixo valor que recebem por hectolitro, quer pela imprecisão das medidas.

→ Este ano (1975) foram contratados 2 "tropeiros" e dois coletores de castanha, todos "civilizados" Quem administra os "negócios" é o próprio chefe do posto, recebendo instruções de Belém. Um funcionário braçal da FUNAI e um índio auxiliam o encarregado do P.I. Parte da castanha coletada foi vendida, por ordem do advogado da 2ª Delegacia, a um proprietário de castanhal de cujas terras — antigamente território tribal — os Suruí haviam retirado o produto. O preço pago por hectolitro foi o mesmo estabelecido pela Delegacia : Cr\$35,00.

Durante a safra da castanha deste ano 3 índios (os mais velhos do grupo) ficaram encarregados da produção da farinha. Esta, quando pronta, era levada ao "barracão" e vendida aos outros índios e "civilizados". Desta maneira, o saldo obtido pelos "farinheiros" deverá resultar da venda da farinha e não da castanha.

Ao longo da safra, quando as chuvas são intensas e abundantes, a alimentação é mais escassa, as gripes e malária mais frequentes. Os índios permanecem a maior parte do tempo nas colocações, na floresta, com suas mulheres e filhos, expostos a todo tipo de perigos e privações.

"COLOCAÇÕES" DE CASTANHA (1975):

- 1-"Alegria" : Umassú, Savarahá, Mihó e Marahí
- 2-"Cajueiro" : Tawé e Havé
- 3-"Quatro Barracas" : Savarapí e Tiremé
- 4-"Água Fria" : Massara e Kaká
- 5-"Cupú" : Assaí e Arekachou
- 6-"Tracoá", "Borracheiras", "Taboquinha" e "Pedra Preta" : Apí, Putema, "Galego" e Melmar (estes/ dois últimos são "civilizados").
- 7-Produção da farinha : Mikuá, Variní e Kuimoá
- 8-Fiscal : Tibakou
- 9-Lavagem e medição da castanha : Tibakou e Sr Ma riano.
- 10-Transporte dentro da área indígena : 2 "tropei-ros", "civilizados"
- 11-Administrador (controle das mercadorias, do trans- porte, etc.) : encarregado do P.I.

trabalham  
p/ o sape  
relevaram o  
se deri f. n. h.  
no ato falto  
p/ q. trouxeram  
p/ ca

O trabalho ligado à castanha é exclusiva- mente masculino ; tende a cessar aos sábados e do- mingos. Nestes dois dias da semana os índios mais/ próximos da aldeia deixam as "colocações" e vol- tam para suas casas ; é quando os alimentos se tor- nam mais escassos, exceto pela disponibilidade de/ um ou outro animal abatido e poucas mercadorias re- tiradas junto ao "barracão" — os Suruí procuram / reduzir ao máximo estas retiradas, visando a obten- ção de um saldo maior ao final da safra.

VI- PARENTESCO:

"Eu era batizado e fiz a primeira comunhão em São Paulo. A Teri também. Tinha uma menina de primeiro que eles prometeram prá mim casá, quando eu era menino/ainda. Mas a menina, a Nerona, não era/batizada e o frei não deixô nós casá. Nós casamo em 67; no fim de 68 o frei falô que nós podia vortá prá São Paulo prá vê minha madrinha. O frei levô nós porque eu não me dei bem aqui na aldeia não, sentia falta do colégio.

Em São Paulo meu padrinho arrumô um emprego prá mim e a Teri foi fazer um curso de costura. Nós alugamo uma casinha em Camoviana. Era uma casa/pequena, de tijolo, alvenaria: gostava/demais. Aí nasceu o primeiro filho, o Alex, em 70. Era o tempo da Copa, dos/jogo. Eu dei o nome do menino; não sabia como podia dá nome de indígena prá/ele. Fiquei em São Paulo até 72; nasceu a Ana Paula; quando a menina completô uns dois meis nós viemo prá aldeia. A Teri tava doidinha prá vim embora, prá aldeia, prôs irmão dela, prôs/parente".

Os dados que recolhemos sobre o parentesco Suruí são limitados e esparsos, devido ao curto espaço de tempo que permanecemos na aldeia, à nossa inexperiência/neste tipo de análise e a ênfase dada a outros aspectos da vida grupal, mais "problemáticos", para os quais voltou-se nossa atenção. Assim, faremos aqui apenas um resumo dos dados fornecidos por Lanaia sobre o sistema de

parentesco Suruí, os quais se encontram em diversos artigos e obras de sua autoria ; na medida do possível, mesmo correndo o risco de apresentar informações duvidosas, introduziremos dados por nós obtidos ao longo da pesquisa.

Em 1961, quando da sua primeira / 7  
visita aos Suruí, Laraia constatou que esta pequena tribo estava dividida em grupos de descendência unilinear, em número de cinco: saopakania(gavião), koací-arúo (coati), karajá, pindawa (palmeira) e ywyrá (pau) ; afirma também que " As genealogias/ indicaram a existência de mais dois grupos, 'saka rioara' e 'uirapari', hoje extintos" (Cf. Laraia , 1967 b : 43). Os grupos de descendência unilinear indicados acima são considerados por este autor / como clãs, pois eram exogâmicos e possuíam uma / chefia ; regra de residência patrilocal e descendência patrilineal foram igualmente observadas / pelo autor (Cf. Laraia, 1967 b : 43). Nesta mesma página, em nota de rodapé, encontramos a seguinte informação : "Os 'koací-arúo' detêm a chefia e a caça lhes é interdita. Juntamente com os 'yvy - ra' são bons agricultores ; sendo que a caça é / permitida aos segundos. Por sua vez, os 'saopakania' são excelentes caçadores, desprezam a agricultura e parecem ter mantido os encargos guerreiros. Quanto aos 'karajá' e 'pindawa' pouco sabemos de suas atribuições".

Pudemos verificar, realmente, que Varini e Arekachou, além de Massara, todos do clã Saopakania, são excelentes caçadores, enquanto Apí e Savarapí, do clã Koací-arúo nunca abateram um / animal, durante nossa permanência na aldeia.

Em sua tese de doutoramento Laraia escreve que "Numa sociedade como a Suruí, por exemplo, que possui cinco grupos de descendência/ unilineares (Koací, Saopakania, Ywyrá, Pindawa e

e Karajá), rigidamente exogâmicos, sendo que os novos membros são automaticamente recrutados pelo clã 'paterno', não há como duvidar de uma regra de descendência patrilineal... Um outro dado comprobatório desta regra é a existência de uma chefia hereditária, que permanece sempre no mesmo clã (Koaci) " (Laraia, 1972 b : 32 ). Em outro artigo (Laraia, / 1972 a : 22) encontra-se a mesma informação.

Nossas observações confirmaram a existência de 5 grupos exogâmicos, patrilineares : Saopakania, Karajá, Koací-arúo, Kaiú (almescão) e Ynataiú (coqueiro) ; os Suruí não fizeram referência alguma aos clãs Ywira e Pindawa, indicados por Laraia. O termo "Uyrapin" também foi utilizado no lugar de "Saopakania", já que estas duas palavras / querem dizer "gavião" (embora de espécies diferentes). Não parece haver mais "especialização" por / clãs — não de forma tão nítida como a descrita por Laraia — e mesmo a chefia não está em mãos de um / Koací. Quanto ao fato de serem rigidamente exogâmicos, constatamos um caso de matrimônio entre um homem e uma mulher do mesmo clã (Neróna e Mihó, ambos Saopakania. ; Perguntando ao pajé se tal casamento / não seria proibido, ele nos garantiu que sim, mas / justificou-o considerando a falta de mulheres). Encontramos muita dificuldade em conseguir informações quanto às regras matrimoniais, número e características dos clãs junto aos homens mais novos ; somente os mais idosos <sup>conseguiram</sup> / fornecer alguns esclarecimentos. ] Ao que tudo indica, a redução da população e as influências do contato com a sociedade regional levaram os Suruí a introduzir diversas alterações em seu sistema sócio-cultural tradicional ; já que número tão pequeno de pessoas é insuficiente para manter a sociedade organizada como nos tempos anteriores ao contato e nos primeiros momentos / após a pacificação, as alterações que se observam /

devem ser explicadas à luz destes acontecimentos .

Segundo Laraia, o sistema de relações Su - ruí é o seguinte:(ver fig. 4).

FP, Fm(1)	amosa	i	(8)	henyra		
mP, mn(2)	isarosa	FIm	(9)	itotyra?yra		
P, IP(3)	ina	FIm	(10)	itotyrasyra		
m, im(4)	inea	FiP, fiP(11)		isasêememyra		
Im	(5)	itotyra	F,FI	(12)	tyrayra(civá)	
iP	(6)	isesêe	f,FI	(13)	acyra (sisten)	
I mais velho	ekeyra	}	(7)	Fi,fi	(14)	hekosara
I mais novo	tyruyra			FF,ff	(15)	misamoina
				Ff,ff		

(Cf. Laraia, 1967 b : 44/45 - 1972 b: 45)

São esposas preferenciais para EGO as mulheres a quem ele denomina itotyrasyra, hekosara e isa sêememyra (isto é, filha do irmão da mãe, filha da irmã do pai e filha da irmã), suas primas paralelas e sobrinhas matrilaterais(ver fig.3 )

P= pai

m= mãe

I= irmão

i= irmã

F=filho

f=filha

FIG.3

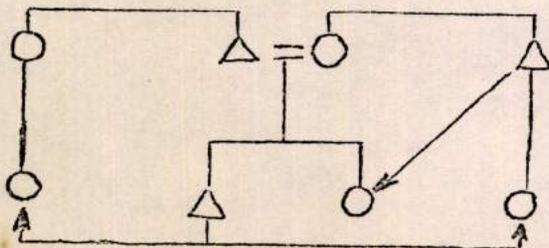
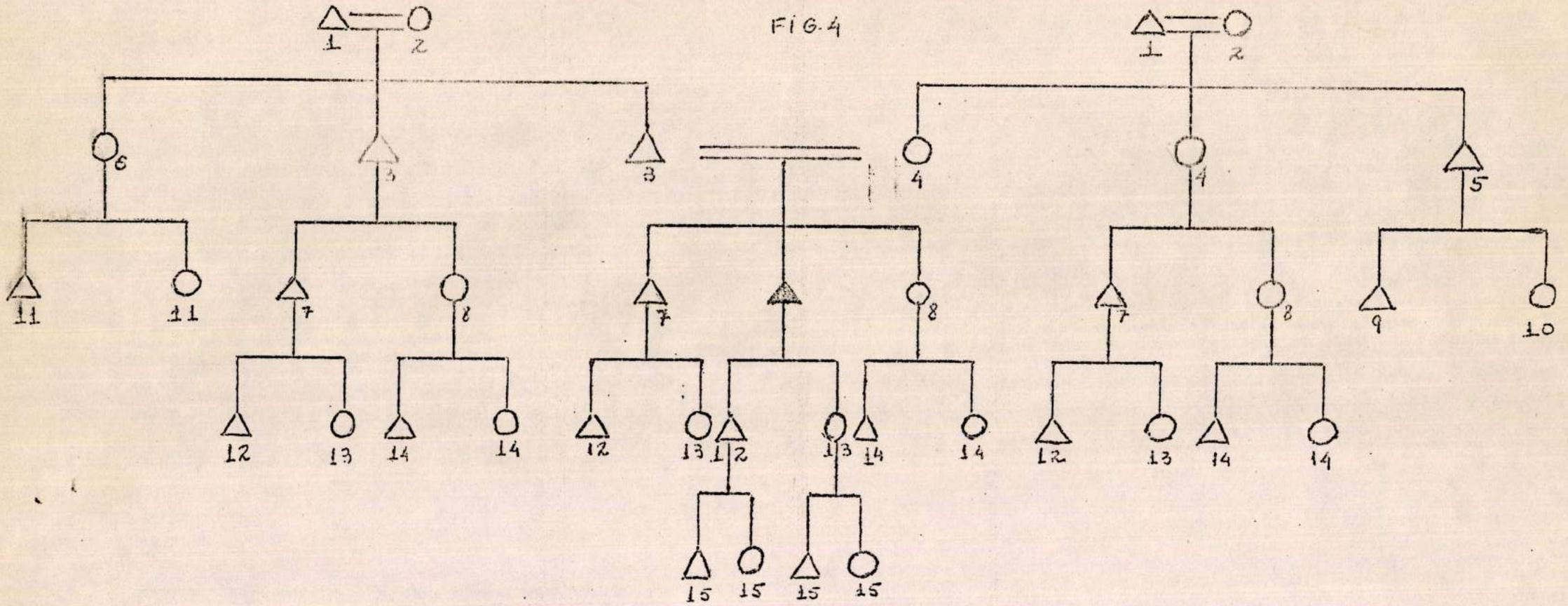


FIG. 4



VII- A QUESTÃO DAS TERRAS:

"Eu não queria. Mas eu pedi a conta e vortei prá aldeia. Sinto falta de mais de São Paulo. Não tem condições prá mim vortá. Tem índio aqui que / não gosta de mim, só uns dois ou treis que gosta de mim, mas o resto é tudo chato comigo. Eu não sei não, eu não posso explicá por qual motivo que eles não gosta de mim. Quando eu era rapaiz eles gostava muito de mim, aí depois que me ajuntei, fui/ prá São Paulo, vortei e ví que os cara não tava gostando de mim. Eles fala pôco comigo, não gosta memo de falá cômigo, fala mais com a mulher e os povo aquí da aldeia. Eles memo fala prá minha mulher que eles não/ topa com a minha cara, nem do meu / irmão. Eu não sei porque eles faiz/ isso comigo. Agora, eu sei que gosto muito deles, tudinho daqui da aldeia.

O Alex, quando pegá a idade de 7, 8 ano, eu quero deixá ele/ em São Paulo, na casa da madrinha / dele, prá estudá e a Ana Paula também. Aquí na aldeia eu acho muito / esquisito, porque eu não tenho muita prática de fazê serviço na roça, e assim eu acho muito esquisito. Logo eu não tenho costume de trabalho de enxada, de machado, porque lá em São Paulo eu era acostumado só a / trabalhá em firma, trabalhava na mar

cenaria, tudo ; lá eu ganhava meu dinheirinho por meis mas depois , quando eu cheguei aqui, deu tudo/ zêbra.

O negócio da terra aqui / tá meio quente, os kamará querendo ficá com as terra, mas não sei não. Os índio, nós tamo se batendo do prá vê se a gente fica com esse terreno aqui, prôs kamará não/ ficá aí, não ficá com a terra. Agora o mais teimoso que nós temo / aí é o ... , que tá teimando com a gente por causa do ponto da castanha. O ano passado foi a mema / coisa, sempre ele tá, ficô teimando aí o negócio de terra, que não era nossa, que era dele, falando/ prá nós que nós não vamo ficá / com o terreno, e os índio sempre/ falando que nós não vamo deixá / ele ficá com o terreno. Nós tamo esperando a resposta chegá de Brasilia, a mapa que o Dr. ...feiz. Depois a gente vai sabê como é / que vai ficá".

Os atritos existentes hoje entre os Suruí e os "Kamará" são devidos à disputa pelo território / tribal, constantemente invadido, consideravelmente/ reduzido —ruínas de antigas aldeias Suruí ainda podem ser observadas em terras de fazendeiros que fazem limites com a atual área indígena. A ambição do branco proprietário de terras é estimulada nos dias de hoje, pois a abertura de estradas vem valorizando paulatinamente as propriedades rurais da região, isto sem considerar a existência, nestas terras, de ricos castanhais. A ira e o descontentamento dos Su

ruí volta-se, entretanto, não para os coletores de castanha, tropeiros e outros "civilizados" igualmente sem recursos (os quais frequentemente procuram a aldeia em busca de remédios e outras mercadorias, sendo sempre bem recebidos pelos índios), mas sim para os proprietários de terras e seus representantes.

O ponto-de-vista segundo o qual o índio não necessita de um vasto território é compartilhado, de modo geral, por todos aqueles "civilizados" com os quais entramos em contato : justificam, desta maneira, o roubo da área indígena. Um proprietário de terras da região, que se diz bom amigo dos índios, foi mais longe ainda, afirmando que "Os índios não precisam de tanta terra, e que todos os índios deveriam ser colocados num único território". Segundo esta pessoa, "O governo gasta muito com a proteção aos índios e o território indígena deve / ser requisitado". Outro "civilizado", autoridade / eclesiástica de Marabá, afirmou que "Os índios precisam trabalhar mais, muito mais ; muita terra é / bobagem".

Os Suruí vivem num permanente estado / de tensão, devido às intrigas e disputas pelo território — a tensão tende a aumentar durante a safra da castanha, pois todos querem retirar este / produto nativo dos castanhais indígenas. Não tivemos notícia, porém, de nenhuma espécie de agressão levada a efeito contra os brancos por parte dos / índios, como diziam em Marabá. A disputa pelo território foi também responsável pela substituição / do antigo chefe do P.I., Sr Antônio Pereira Neto , pessoa honesta e dedicada aos índios; responsável / igualmente pelas dificuldades encontradas pelo encarregado substituto, quando assumiu o posto, a "questão das terras" está a aguardar solução urgente.

VIII-OS SURUÍ E A SOCIEDADE REGIONAL:

"O único irmão que topa mais comigo é o Tiremé. Tudo serviço que ele qué fazê eu ajudo ele e ele/ também me ajuda prá fazê o serviço. Os povo lá de São Raimundo / gosta muito de mim. De veiz em quando eu vô lá passeá, brincá / com bola. Os amigo me recebe di-reitinho".

Após 15 anos de contatos permanentes com a sociedade regional os Suruí sofreram inúmeras alterações em seu tradicional sistema sócio-cultural. A redução/ da população é um fator que deve ser considerado como o causador de várias modificações : ao nível das regras matrimoniais, divisão em clãs, etc. Laraia afirma que os clãs eram rigidamente exogâmicos : constatamos pelo menos um caso de casamento entre pessoas pertencentes ao mesmo clã (saopakania). Não devemos nos/ esquecer também da época em que ocorriam "arranjos poliândricos" entre os Suruí, devido ao desequilíbrio / numérico entre os sexos. Embora ainda hoje existam alguns homens adultos solteiros, sem possibilidades imediatas de encontrarem esposas no grupo, o fato de frequentarem prostíbulos faz com que os arranjos não sejam mais necessários. O reduzido número de homens adultos gera alguns problemas, indicados no decorrer / do trabalho. A adoção de um novo tipo de divisão sexual do trabalho, obedecendo em grande parte aos padrões vigentes no âmbito da sociedade regional, parece ter solucionado o problema da produção de alimentos. Além do mais, devemos indicar ainda, ao que tudo indica, o desconhecimento por parte dos mais jovens — embora já adultos — dos padrões tradicionais de orga

nização social deste grupo Tupi, bem como lembrar que a chefia não está em mãos de um Koací, mas sim de um Saopakania.

As atividades de obtenção de alimentos são executadas com o auxílio de instrumentos metálicos e objetos "civilizados" (facões, machados, espingardas, anzóis, etc.) e a coleta da castanha obedece a um sistema essencialmente capitalista. Alimentos "civilizados" (arroz, feijão e açúcar, por exemplo, além de outros) e outras mercadorias (pilhas, lanternas, isqueiros, etc.) transformaram a dieta tradicional do grupo e introduziram novos hábitos e necessidades. Os utensílios domésticos são adquiridos nos centros urbanos (louças, talheres, filtros, pratos, etc), bem como roupas e calçados, rádios portáteis, eletrolas, malas, óculos escuros e uma infinidade de outros objetos.

Cães, galinhas, gado e outros animais foram introduzidos há muito tempo, assim como plantas e cereais "civilizados". Observa-se que o trabalho tende a cessar nos fins-de-semana, aparentemente conforme o nosso padrão da "semana de cinco dias". As casas, todas no estilo regional, abrigam famílias elementares; alguns membros de várias famílias possuem, além do nome indígena, nomes ou apelidos brasileiros (Savarahá ou Manoel, Wawai ou Rosa, Warani ou "moreninho", etc.). Outros já viveram e trabalharam em grandes centros urbanos, são alfabetizados e não se consideram como iguais aos mais velhos do grupo.

A produção de cerâmica foi abandonada, as redes vêm sendo adquiridas nos mercados urbanos, o artesanato está praticamente esquecido. Muitos Suruí, quando viajam, hospedam-se em casas de regionais ao longo das estradas e estes últimos visitam ou passam pela aldeia com frequência, ...

outras atividades. Destes regionais, os Suruí aprendem que "duas pessoas não podem amarrar uma única rede, não presta" ; "não se deve acender o cigarro na lamparina, não presta" ; " quando a espingarda não estiver prestando, deve-se corrigir tal defeito da seguinte forma: 1)urinando no cano da espingarda, 2)cospindo no cano, 3)jogando água no cano ou limpado-o com um certo tipo de planta".

As danças, comandadas por Assaí, <sup>1</sup> do pajé, foram acompanhadas não por maracás mas sim / por sons obtidos a partir da percussão de uma velha lata de óleo comestível. Assaí, no centro da / roda, segurava uma espingarda e não arco e flexas, como se fazia anteriormente. As curas de Assaí, segundo os índios, limitam-se às crianças: os adultos procuram medicamentos "civilizados". A cerimônia de perfuração do lábio inferior dos "iniciandos" não se realiza há vários anos: os lábios dos mais jovens, mesmo casados, apresentam-se intactos.

Embora quase todos sejam bilingues / (isto é, falem o Tupi e o português) a língua utilizada na intimidade é a primeira, que, juntamente / com a crença no "Kupé-lobo" parecem ser características pouco afetadas (11) pelo contato.

Encerramos assim esta rápida descrição dos aspectos da vida grupal tradicional dos Suruí, mais alterados pelo contato com o "civilizado". A impossibilidade de retorno à vida tipicamente tribal pode ser, portanto, inferida a partir destas / escassas observações ; resta aos Suruí a integração à sociedade nacional, o caminho da "civilização", cujo início não foi, até o momento, dos mais auspiciosos.

IX- PROBLEMAS E SUGESTÕES:I-Terras:

Conforme vimos anteriormente, a área indígena, desde a época da pacificação, vem sendo paulatinamente reduzida devido à incorporação de partes do território tribal às terras de grandes proprietários rurais da região. Hoje o território Suruí é ainda mais cobiçado pelos "civilizados", pois as propriedades rurais sofreram sensível valorização graças à abertura de estradas ( e outras melhorias que vão sendo introduzidas) que partem de Marabá.

Fomos informados de que há um decreto presidencial, publicado em 1968, delimitando o território Suruí. Entretanto, pelo que pudemos observar, os limites traçados por este decreto parecem estar bastante aquém dos limites tradicionais da área indígena ( já afirmamos, em alguma parte deste trabalho, que resquícios de antigas roças e aldeias dos Suruí ainda / são encontrados em terras atualmente em mãos de "civilizados"). Os índios, com razão, sentem-se ludibriados, explorados, pois perderam expressivas porções / de suas terras.

O clima de tensão que encontramos na aldeia pode ( e deve) ser perfeitamente explicado tendo em / vista a disputa por "colocações" de castanha, localização dos castanhais ( se em território indígena ou não) e, conseqüentemente, direito de explorá-los. Angústia, insatisfação e outros sentimentos expressados pelos Suruí, bem como a transferência de aldeia / e a substituição do encarregado do P.I. devem ser / vistos igualmente sob este prisma.

Já que o nosso trabalho tem por objetivo "orientar" a atuação das pessoas que irão trabalhar junto a esta comunidade indígena, pensamos que a solução do problema das terras dos Suruí deve ser o ponto-de-partida, sem o que nenhuma outra providência /

alcançará resultados satisfatórios. É necessário, portanto, que se proceda a uma revisão dos limites da área indígena (redefinindo-os, tal como eram quando da pacificação) ; legalizar, em seguida, o estabelecimento de novos limites através da publicação de um novo decreto em substituição ao antigo e, finalmente, tomar as providências indispensáveis no sentido de impedir as frequentes invasões e atividades predatórias que ocorrem na área indígena, levadas a efeito pelos "civilizados". Evitar-se-á, desta maneira, confronto mais sério/entre índios e "civilizados".

Sabemos que esta solução não poderá/ser obtida por um "passe-de-mágica", dada a complexidade do problema; justificamos então nossa /posição( para que não sejamos considerados equivocadamente) chamando a atenção para os seguintes pontos:

a- o clima de tensão sob o qual vive a comunidade não pode persistir por mais tempo ; a intranquilidade impede que os índios executem /suas tarefas com satisfação, cria uma sensação de insegurança e engendra obstáculos que dificultam/ o relacionamento entre índios e brancos, índios e encarregado do P.I.

b-um território extenso é condição /necessária para a subsistência dos Suruí, que dependem enormemente da caça e da coleta para a obtenção de alimentos ; além do mais, os projetos/ de desenvolvimento das atividades agropecuárias /somente poderão ser postos em andamento na medida em que se disponha de uma extensão territorial adequada. A posse do território é, portanto, fator fundamental no processo de integração do grupo à sociedade regional e nacional: somente assim este processo poderá ocorrer de maneira harmoniosa — e vantajosa, tanto para os Suruí como para /os "civilizados".

## II- Castanha:

Pelo que já dissemos a respeito do "problema das terras", fica claro que a "questão da castanha" / somente poderá ser superada quando o primeiro problema o for, de forma definitiva. Se os Suruí são absorvidos durante vários meses do ano pelas atividades / ligadas à safra da castanha — deixando assim outras / atividades suspensas ao longo deste período —, é / justo que obtenham com isso vantagens substanciais , o que não acontece atualmente.

Há na aldeia homens Suruí que já viveram em centros urbanos e trabalharam fora da comunidade de origem ; possuem grande desembaraço no domínio do / português e na manipulação da moeda. Pensamos que os índios reúnem condições para coletar e comercializar a castanha sem a interferência direta da 2ª Delega -  
cia Regional da FUNAI, desde que haja, pelo menos no início, orientação esclarecedora que pode ser proporcionada pelo encarregado do P.I. Se o valor obtido / com a venda da castanha ficar à disposição da comunidade, poderá ser aplicado nos projetos de desenvolvimento previstos pelo convênio, elevando assim sensivelmente as condições de vida da população indígena. Além do mais, a castanha poderia ser vendida na própria aldeia, poupando-se desta maneira os gastos com transportes (aluguel de caminhões, estragos da mercadoria transportada). Seria conveniente, então, a elaboração de um projeto que objetive a reformulação do processo de comercialização da castanha, em benefício dos próprios Suruí.

## III- Saúde:

A "farmácia" do P.I. Sororó possui um bom / estoque de medicamentos, embora não disponha o posto nem de uma enfermaria, muito menos de um atendente .

higiênicos: a água deveria ser fervida, já que é retirada de poços artesianos, apresentado-se bastante contaminada, suja ( um dos poços está localizado a poucos metros de uma "fossa negra" ; o outro precisa ser constantemente verificado, pois nele habitam algumas rãs). Higiene bucal evitaria problemas dentários mais graves, justamente porque o consumo de açúcar é acentuado.

#### IV- Agropecuária:

Os Suruí possuem atualmente 4 cabeças de gado — 2 bezerras, 1 vaca e 1 touro — que se encontram em São Raimundo, lugarejo próximo à aldeia, sob os cuidados de um regional. O restante do gado (doador aos índios pelo Dr João Paulo Botelho Vieira Filho) foi dizimado por raiva. Não há pasto na aldeia antiga, nem na nova. Há necessidade, portanto, da formação de um pasto para que o gado possa ser levado para a área indígena ; sabemos também que o Dr João / Paulo pretende doar mais animais aos Suruí, assim / que o pasto estiver formado. O arame necessário ao cercamento da pastagem já se encontra na aldeia .

Pensamos que deverão atuar, junto aos índios, um veterinário e um agrônomo, orientando os trabalhos tanto no que diz respeito à formação do pasto ( e agricultura), quanto do tratamento (vacinas, rações, etc.) que os animais deverão receber. O veterinário cuidaria também dos outros animais e aves existentes na aldeia: cães, gatos, galinhas, 1 cavalo, 1 jumento e 1 burro. O agrônomo, por sua vez, teria ainda por tarefa orientar o trabalho agrícola, de acordo com um projeto específico a ser formulado visando o desenvolvimento de plantações/ (subsistência e comercialização). Amostras de terras da área já foram colhidas e enviadas à Escola / de Agricultura Luiz de Queiros, onde serão devidamente analisadas, obtendo-se assim o quadro das potencialidades da terra para futuros cultivos.

V- Pedidos dos Índios e Chefes de Posto:

Os Suruí desejam a instalação de uma escola e um professor, para que possam aprender corretamente o português. Pensamos que tal pedido deveria ser atendido, pois através da escola os índios poderão ser melhor preparados para um convívio mais intenso com os "civilizados", além de permitir a introdução de hábitos higiênicos, por exemplo, reduzindo-se assim a incidência de diversas moléstias e problemas dentários.

Desejam ainda — o que é reforçado pelos encarregados do P.I. — uma condução (caminhão, camioneta, ou então um "jeep") para que possam se locomover com facilidade quando for necessário. Uma condução deverá resolver inúmeros problemas da comunidade : doenças, picadas de cobra, compras, etc.

Finalmente, queremos expressar nossa opinião: somente com a superação dos problemas acima indicados será possível colocar em andamento projetos que promovam o desenvolvimento e a integração da sociedade Suruí à sociedade nacional. Na aplicação dos projetos / deve-se manter sempre as mesmas pessoas em contato / com os índios, para que possam entender melhor as dificuldades e características da comunidade, bem como / no que diz respeito à familiaridade que devem conseguir junto aos indígenas para merecerem sua confiança e colaboração. Quanto à chefia do P.I., o encarregado não deve ser substituído com frequência ; se as substituições forem frequentes não haverá continuidade do trabalho.

MATERIAL PERMANENTE DO P.I.SORORÓA-Máquinas e objetos de escritório:

- I- 1 grampeador
- II-1 perfurador de papel
- III- 1 almofada para carimbo

B-Máquinas, ferramentas e utensílios agrícolas:

- I-2 máquinas manuais para plantio
- II- 2 cavadores "boca-de-lobo"
- III- 1 pá
- IV- 2 picaretas
- V- 1 rastelo
- VI- 2 enxadões
- VII- 1 enxada
- VIII- 2 foices

C-Máquinas, ferramentas e utensílios de oficina:

- I- 2 martelos
- II- 2 serrotes
- III- 1 serrotão
- IV- 1 serra (roladeira)
- V- 2 formões
- VI- uma plaina de ferro
- VII- 1 cunha de ferro
- VIII- 1 escala de alumínio
- IX- 1 arco de pua
- X- 4 bicos para arco de pua
- XI- 1 trena de 50 metro
- XII- 1 compasso de alumínio
- XIII- 2 enxós
- XIV- 2 ferros de cortar cavacos
- XV- um grampo para madeira

D-Máquinas e aparelhos em geral:

- I- 1 transceptor SSB/140,
- II-um microfone

- IV- 1 máquina de costura
- V- 1 geladeira a querosene
- VI- 1 bomba d'água manual

B-Máquinas para fins industriais:

- I- 1 ralador de mandioca
- II- 1 forno para farinha

F- Ferramentas e utensílios para pedreiros:

- I- 2 colheres
- II- 2 pincéis
- III- um prumo
- IV- 1 esquadro de alumínio
- V- 1 nível

G-Material para copa e cozinha:

- I- garfos, facas, colheres, pratos, copos, bacia de alumínio, pia "inox", panelas, moinho de café, filtro d'água, etc.

H-Objetos e utensílios diversos:

- I- 1 balança doméstica
- II- 4 pesos de alumínio
- III- 1 alicate
- IV- 1 chave inglesa
- V- 2 carrinhos de mão
- VI- 1 roldona
- VII- 1 bússola
- VIII- 3 funis
- IX- 1 ferro de engomar

I-Material para caça e fiscalização:

- I- 1 revólver
- II- 1 espingarda cartucheira, calibre "20".

O Jibóia vinha andando pela picada. Lá na frente viu uma mulher cortando e juntando lenha. Chegando perto percebeu que era a Mukura. Seduziu a Mukura que depois saiu pela picada, cantando, com a lenha nas costas. Chegando na aldeia a Mukura disse que havia sido convidada para a festa que estava para começar ; os outros / não acreditaram, pois a festa era para a Cotia. —É para mim, insistia a Mukura. — Será que é para você?, os outros perguntavam. — Sim, é para mim, que sou a única / moça, pois a Cotia tem a canela seca e a Paca tem a canela curta. Os outros duvidavam, mas a Mukura insistia. Estava na hora da festa e da dança. O Coati cantava e a festa começava. A Mukura ficou sob o braço do Coati e o Amereu cantava também. O Coati dançava com a Mukura sob o braço; então a Mukura ficou com vontade de defecar e urinar, mas o Coati não permitiu que ela se soltasse , pois queria que ela ficasse até o final da festa. A Mukura então urinou e defecou e o Coati, segurando-a pelo braço, jogou-a longe, no brejo. A Mukura limpou-se com casca de mandioca mas não adiantou : ao contrário, piorou e ficou fedendo mais ainda.

O Coati continuou a cantar e a Cotia ficou com sede e pedia água para a mãe. A Cotia então entrou no quarto escuro para beber água e logo a mãe começou a chamá-la. Nenhuma resposta. Chamou novamente, uma vez / mais : nenhuma resposta. A mãe entrou no quarto , iluminou-o e viu o Jibóia seduzindo a Cotia. O Jibóia e a Cotia transformaram-se em bichos ; todos viraram bichos : jibóia, mukura(roedor cinzento, gambá), cotia, amereu / (espécie de lagartixa), etc.

(mito contado por Mihó, cf tradução simultânea de Tibakw, fevereiro de 1975)

(mito contado por Waremij, c/ tradução nominalizada  
de Tibakar, em fevereiro de 1975)

SAHYA

Sahya estava andando na mata quando encontrou um inimigo Karajá trepado na árvore, tirando resina de jatobá para fazer flexas. Atirou uma flexa no inimigo/ que caiu lá de cima, com a flexa enterrada na testa. Sa-  
hya flexou-o ainda três vezes, no estômago. A mulher /  
do morto correu, gritando, mas Sahya conseguiu alcançá-  
-la e disse que se ela continuasse a gritar ele a mata-  
ria também. Ela ficou sendo sua mulher.

Mas a mulher de Sahya era infiel, traia-o com seu companheiro. Sahya ficava zangado e andava sozinho pelo mato. Ficou sendo guerreiro, guerreava com os outros índios e comia o fígado, assado, dos inimigos que matava. Sabia fazer truques : amarrava a rede na picada, colocava um toco de madeira dentro dela, acendia u-  
ma fogueira perto e ficava escondido atrás das árvores esperando o inimigo. Quando este chegava e batia na re-  
de, Sahya atirava flexas nele e nos outros, matando-os. Sahya era canhestro e seus braços eram curtos. Não con-  
seguiu disparar flexas com o braço direito : parecia /  
que brincava com as flexas.

Um dia, durante uma luta, a corda do arco de Sahya arrebentou e ele correu. Seus inimigos pensaram/ que ele havia fugido ; mas ele se escondeu e voltou lo-  
go ; voltou e matou uns 20 Karajá e Kayapó.

Sua mulher preparava calugi (uma bebida, fei-  
ta com leite de castanha e macaxeira), mas ele não aci-  
tava, queria ir para o mato, guerrear. Ele convidava a  
mulher mas ela não ia. Uma vez levou a mulher e o fi-  
lho para o mato. Sempre carregava o filho sobre os om-  
bros. No mato Sahya ouviu um barulho e fugiu, pensando  
que fosse inimigo; mas era o barulho de um cajá que ha-  
via caído. Sahya correu, abandonando a mulher e o fi-  
lho. A mulher gritou e ele nem ligou e nunca mais nin-  
guém teve notícias dele : ficou no mato, brigando e ma-  
tando, comendo castanhas e frutas. A mulher não sabia/  
como voltar para a aldeia, não conhecia o caminho e fi-  
(final?)

A ENCHENTE

Um índio saiu a procura de taboquinha para fazer flexas. Aconteceu então uma enchente muito grande e ele ficou cercado, longe dos outros índios da aldeia. Quando voltou encontrou muita água que tinha invadido a aldeia. Ficou sozinho no mundo, sem saber o que fazer. Encontrou um pé de coqueiro muito alto, trepou no coqueiro e se salvou, protegido pelas folhas da árvore.

Tentou descer quando viu que a água estava baixando, diminuindo. Chegando então ao chão a água subiu novamente e ele não pode deixar o coqueiro. Muitos pássaros defecavam sobre o coqueiro, mas ele se escondia sob as folhas da árvore. Ficou com muita fome e via por baixo, no chão inundado, muitos animais se debatendo : tatu, paca, cotia, etc.

Quando a água secou ele desceu. Estava velho, magro, sujo, devido ao tempo em que permaneceu no coqueiro. Todos os pássaros viviam em baixo. Encontrou um casal de irmãos: um Mutum, fêmea, e uma Garça, macho, que naquele tempo eram gente. Juntou-se ao Mutum fêmea que passou a cuidar dele, preparar comida : farinha e muita coisa. A Garça, macho, também cuidava dele, ajudando a irmã. Logo depois o índio e o Mutum/fêmea começaram a gerar outros índios.

(mito de origem contado por Mikwa e Mihó, e traduzido simultaneamente de Tibaku, em fevereiro de 1975)

(1)-O termo "Kamará" é empregado pelos Suruí para designar os que não são índios e sim regionais, "cristão". "Kamará punura" = cristão ruim ; "Kamará amutehé" = ~~branco~~ <sup>peço a straha</sup> ; "Kamará ipixuna" = negro, civilizado negro. Segundo Huxley, os Urubu-Kaapor, "Quando se referem a si próprios, usam duas palavras de origem portuguesa: 'cabó', de caboclo — verdadeiramente mestiço de / índio e de branco — e 'camará', de camarada " (Huxley, 1963 : 67). Ver também Laraia, 1967 b : 63, nota de rodapé.

(2)-A palavra "caboclo" é usada pelos regionais / quando se referem aos índios ; estes últimos / detestam ser chamados por este nome.

(3)-Suruí ou Mudjêktire, como são chamados pelos / kayapó.

(4)-Este é o depoimento de Tibakou, índio Suruí / que já viveu e trabalhou em centro urbano, mas que hoje se encontra na aldeia. Não é bem visto pelos outros Suruí e, de uma certa maneira, pode ser definido como um "homem marginal". O seu depoimento foi gravado por nós em duas fitas = 180 minutos. Para o trabalho fomos obrigados a selecionar apenas as passagens mais interessantes e significativas, que pudessem ilustrar as descrições da vida do grupo. Procuramos manter as próprias palavras empregadas / por Tibakou grafando-as, propositalmente, de / forma errada.

(5)-O gado dos Suruí foi doado por um médico de / São Paulo, Dr João Paulo Botelho Vieira Filho, que desenvolve entre estes e outros índios um / intenso programa de vacinacões e assistência / médica.

- (6)-Marahí , há alguns anos, adoeceu e veio para São Paulo onde foi submetido a tratamento médico. Permaneceu aqui mais ou menos um ano . Quando retornou à aldeia, havia "perdido" sua esposa para Arekachou ; até hoje não se casou novamente.
- (7)-O "barracão" é, para os Suruí, a casa do P.I. onde são guardadas mercadorias e outros mantimentos, como nos "barracões" dos proprietários de castanhais da região, onde os coletores de castanha são "aviados".
- (8)-Sabemos que os chefes indígenas desfrutam / sempre de um poder limitado; mesmo assim, Savarahá não pode ser considerado um "chefe" . A respeito da chefia indígena ver, por exemplo, (Clastres, 1962), (Lévi-Strauss, 1957) e (Viertler, 1969 : 29/45).
- (9)-Laraia afirma que "A pesca, com exceção para os Tapirapé (Balduz, 1970 : 178) e dos antigos Tupinambá, não se constitui numa atividade de grande importância para os Tupi"(Laraia 1972 b : 104).
- (10)-"A colocação é o conjunto de castanheiras, também chamado de jardim, que são delimitados / por marcos naturais, possuindo geralmente uma denominação" (Silva, 1973 : 10).
- (11)-A respeito do "Kupé-lobo" escrevem Wagley e Galvão : "Os brasileiros locais também acreditam em outro demônio da floresta a quem chamam Kupé-lobo. Este ataca e mata os caçadores com golpes de seus braços pontudos e afiados/ como a lâmina de um facão. Todos esses demônios da floresta, Zurupari, Currupira e Kupé-lobo, originalmente crenças indígenas, foram/ transmitidos aos brasileiros e incorporados /

ao folclore nacional em tempos históricos" (Wagley e Galvão, 1961 : nota de rodapé da pag. 110 - grifo nosso). A descrição destes autores coincide com a Suruí, se bem / que estes acreditam que o Kupé-lobo possui pés "de garrafa" (isto é, redondos) e um / mau-cheiro insuportável.

CLASTRES, Pierre

- 1962 "Echange et Pouvoir : philosophie de la chifferie indienne" in L'Homme (Revue française d'anthropologie), Janvier/Avril.

HUXLEY, Francis

- 1963 Selvagens Amáveis (um antropologista/entre os índios Urubús do Brasil. Tradução de Japi Freire, São Paulo, Companhia Editôra Nacional (Brasiliana, vol. 316).

→ LARAIA, Roque de Barros

- 1963 "Arranjos Poliândricos na Sociedade/Suruí" in: Revista do Museu Paulista N.S., vol. XIV, São Paulo.
- 1965 "A Fricção Interétnica no Médio Tocantins" in: América Latina, ano 8º, nº2, Rio de Janeiro, Abril/Junho.
- 1967 a "O Homem Marginal numa Sociedade Primitiva" in: Revista do Instituto de Ciências Sociais, vol. IV, nº1, Rio de Janeiro, Janeiro/Dezembro.
- 1972 a "Akuáwa-Asurini e Suruí = análise de dois grupos Tupi" in: Revista do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo, nº 12, São Paulo.
- 1972 b Organização Social dos Tupi Contemporâneos (tese de doutoramento, mimeografada), Brasília.

LARAIA, Roque de Barros e DA MATTA, Roberto

1967 b Índios e Castanheiros (a empresa extrativa e os índios do Médio/Tocantins). São Paulo, Difusão / Européia do Livro (Corpo e Alma do Brasil, XXI).

~~LEVI~~ LÉVI-STRAUSS, Claude

1957 "Homens, Mulheres, Chefes" in Tristes Trópicos. Tradução de Wilson Martins, São Paulo, Editora Anhembi Ltda.

SILVA, Darcy da

1973 "A castanha do Pará como fator / inicial de desenvolvimento de Marabá: perspectivas atuais" Separata de Geografia Econômica, Universidade de São Paulo, Instituto de Geografia, São Paulo.

→ VIDAL, Lux B.

1972 PUT-KARÔT, grupo Inígena do Brasil Central. (tese de doutoramento mimeografada), São Paulo.

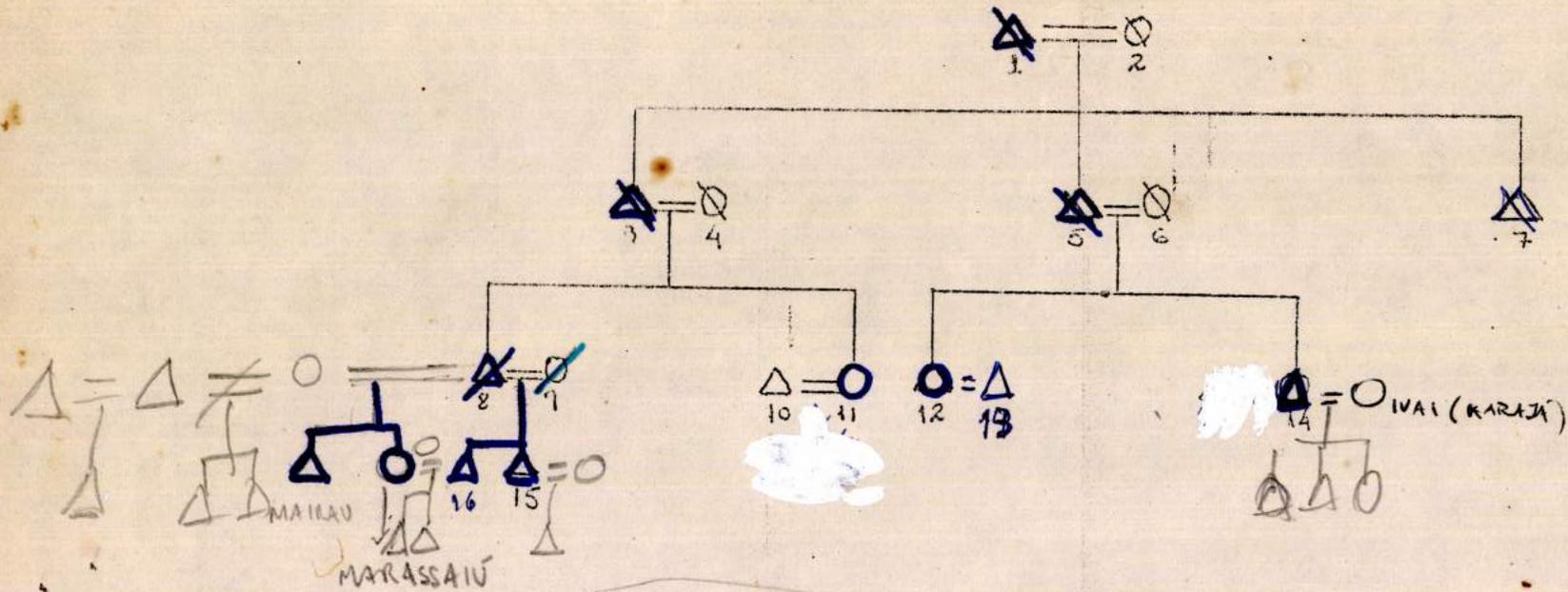
~~VIEIRA~~ VIEIRA FILHO, João Paulo Botelho

1970 "Vacinação dos Índios Suruí contra o Sarampo" .Separata da Revista da Associação Médica Brasileira, vol.16 nº 6, São Paulo, Junho.

VIERTLER, Renate Brigitte

1969 Os Kamayurá e o Alto Xingu (análise do processo de integração de uma tribo / numa área de aculturação intertribal. Publicação do Instituto de Estudos Brasileiros da USP, São Paulo.

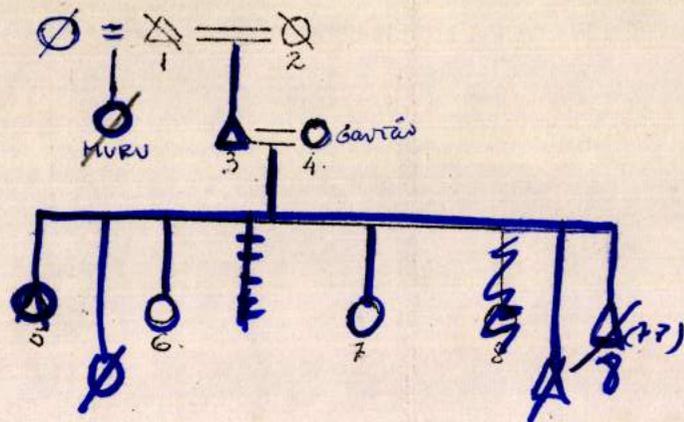
1 - KOACI-ARUO



- 1 - MUŠENAI
- 2 - (?)
- 3 - SARAKOU
- 4 - TUŃ
- 5 - KUARIKVARA
- 6 - KUŠAMARU
- 7 - KOATI

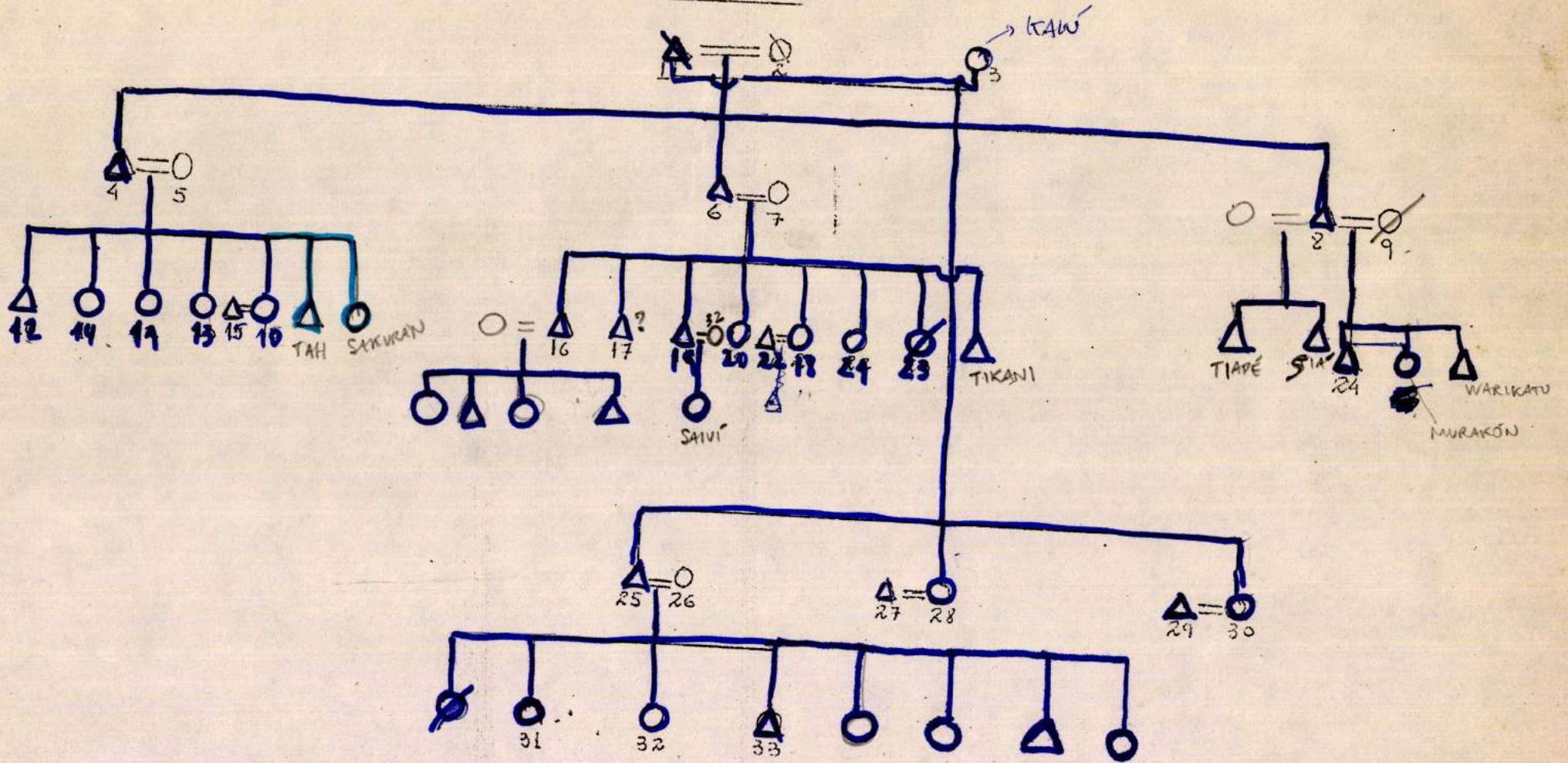
- 8 - SAVARAPI
- 9 - TOMATINEN
- 10 - TIREME
- 11 - ROPIREME
- 12 - TERIVERI
- 13 - TIBAKOU
- 14 - API
- 15 - MATIRO
- 16 - MAHU

2. KARAJÁ



- 1 - IRY
- 2 - HYISSE
- 3 - UMASSÚ
- 4 - [ARIMÉRA]
- ~~5 - IRIMY~~
- 5 - IYAHY
- 6 - (KULHO) - AMOBEVA
- 7 - MUREIRÚ
- 8 - (MAYÁ)  
ARA

4 - SAOPAKANIA (a)



- 1 - SAVAPIRANG
- 2 - KUXOMARU
- 3 - WAHA
- 4 - SAVARAHÁ
- 5 - WAWAI
- 6 - VARINI
- 7 - TANA

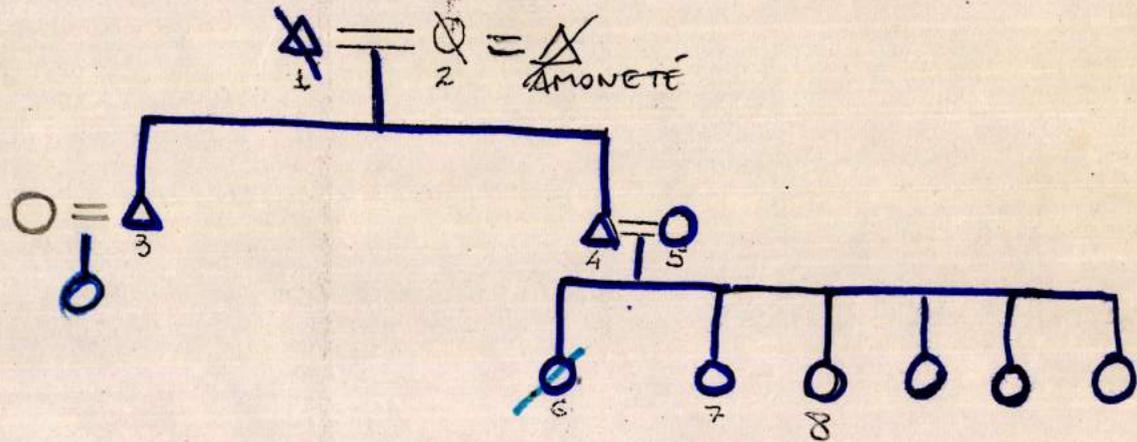
- 8 - AREKACHOU
- 9 - WASSAKUAI
- 12 - MEHAPIKON
- 14 - ~~TATUMBARACY~~
- 10 - TAREPIHI
- 13 - PIRIVAIH
- 15 - ASSAI

- 10 - MURETAMA
- 16 - PUTEMA
- 17 - SHAVE' - ?
- 19 - ARUMA
- 20 - YNAMVI
- 22 - KAKA
- 18 - SARISSOPUA

- 21 - WAKRESSU
- 23 - CRIANGA †
- 24 - AREKASSA -
- 25 - MASSARA
- 26 - KITIA
- 27 - UMASSU
- 28 - ARINERA

- 29 - MIHO
- 30 - NERONA
- 33 - CRIANGA → ♀
- 32 - ARURE
- 34 - SIVI

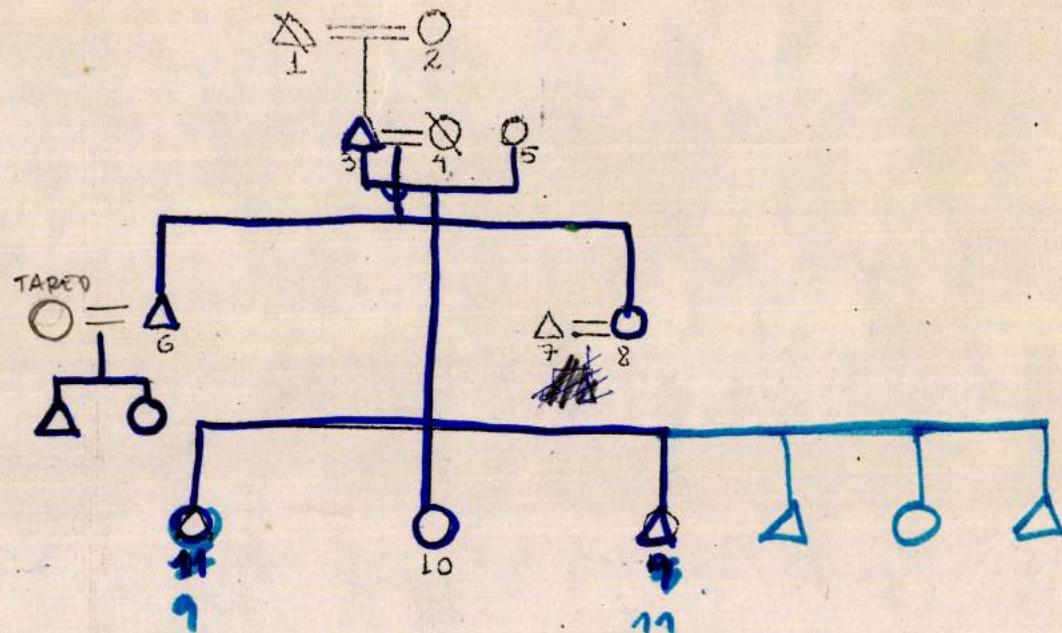
4- SAOPAKANIA (5)



- 1- TAKARA
- 2- MASSEIRA
- 3- MARAHI
- 4- MIHO + velho q. 3
- 5- HERONA
- 6- AVASSAIMEU
- 7- SAHHA HOI
- 8- ...

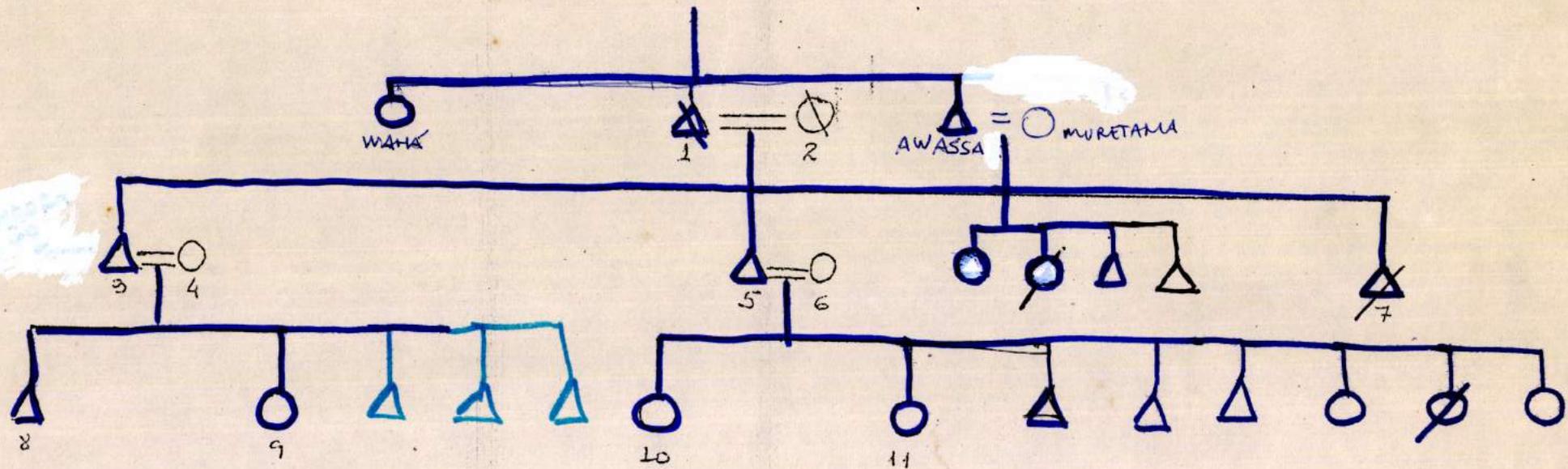
3. YNATAYÚ

tnata' iú



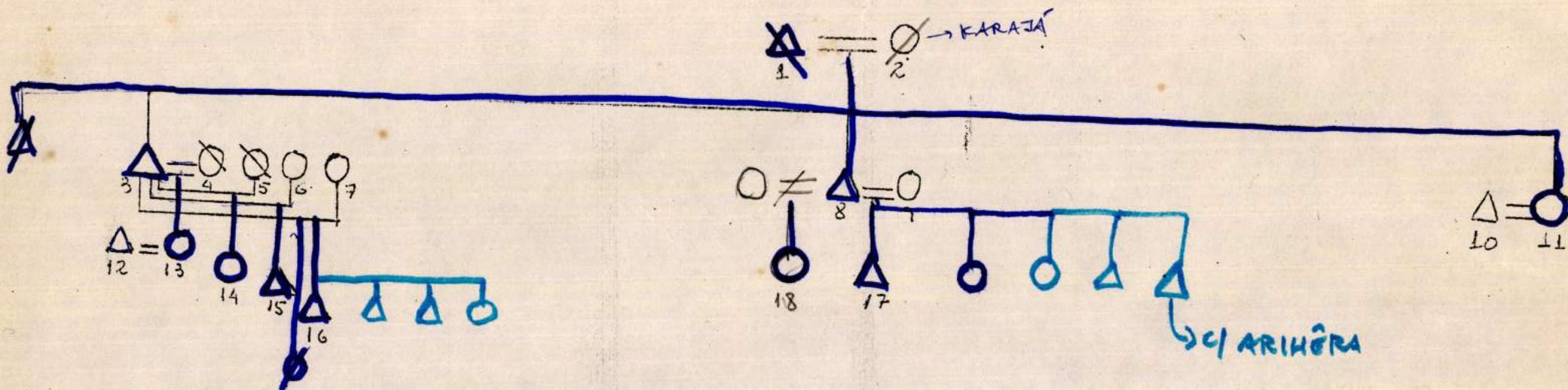
- |                |                  |
|----------------|------------------|
| 1 - (?)        | 6 - TAVE'        |
| 2 - VOHA'      | 7 - MIKUA'       |
| 3 - KUIMOÁ'    | 8 - IPURE'PA     |
| 4 - MURUPUSSÚ' | 11 - CRIANÇA     |
| 5 - MURUÁ'     | 10 - YURATINOMÁ' |
|                | 9 - KUINA'       |
|                | 12.              |
|                | 13.              |

5- KAIU (a)



- |             |              |
|-------------|--------------|
| 1- AMONETE  | 6- OPIREME   |
| 2- MASSEIRA | 7- YRIKUA †  |
| 3- TIBAKOU  | 8- ALEX      |
| 4- TERIVERI | 9- ANA PAULA |
| 5- TIREME   | 11- TIRAMOA  |
|             | 10- TEMA     |

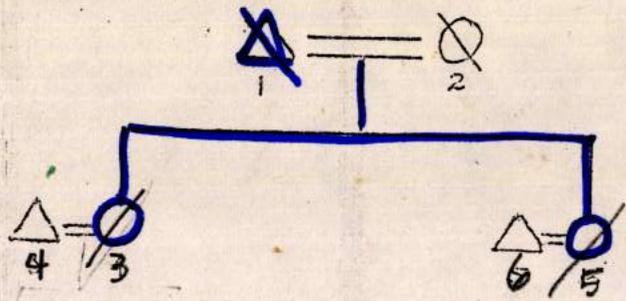
5- KAIÚ (b)



- |          |               |
|----------|---------------|
| 1- NAROI | 9- SARISSOPUA |
| 2- MURU  | 10- MASSARA   |
| 3- MIKUA | 11- KITIA     |
| 4- TUN   | 12- SAVARAHÁ  |
| 5- RÍSSE | 13- WANAI     |
| 6- VAHA  | 14- MURUA     |
| 7- IPURE | 15- ITAMARE   |
| 8- KAKA  | 16- CRIANÇA   |
|          | 17- CRIANÇA   |
|          | 18- TUMEKÓN   |

5. KAIÚ (e) ?

X



- 1 - TATAVIRA
- 2 - KUARAMA
- 4 - AREKACHOU
- 3 - WASSAKUAI — + malama 19
- 6 - SAVARAPI
- 5 - TOMATINGA — + caner

